

- ACINTYASTAVA
- BODHICITTAVIVARANA
- LOKATITASVANA
- MULAMADHYAMAKAKARIKA
- SUNYATASAPTATI
- VIAVAHARASIDDHI
- YUKTISASTIKA

7 OBRAS DE

NAGARJUNA

TRADUÇÃO: MARCOS BELTRÃO

www.marcosbeltrao.net

ACINTYASTAVA

de

Nagarjuna

Hino ao Buda Inconcebível

1. Eu me inclino ao inconcebível, incomparável Buda cujo conhecimento é sem igual, aquele que declarou que todas as coisas que surgiram dependentemente não têm ser próprio.
2. Assim como Você pessoalmente compreendeu a falta de ego dos fenômenos no Mahayana, assim, influenciado pela compaixão, Você o demonstrou para os sábios.
3. Você afirmou que tudo que surge de condições é sem origem. Você mostrou claramente que não é nascido através de ser próprio e assim é vazio.
4. Assim como neste mundo aqui um eco surge dependentemente de um som, assim também toda existência surge como uma ilusão ou miragem.
5. Se ilusões, miragens, cidades de gandharvas, e reflexos são não nascidos, junto com sonhos, então deles não pode haver uma visão verdadeira ou qualquer outra espécie de conhecimento dos sentidos.
6. Assim como as coisas surgindo das causas e condições são transmitidas como compostas, Ó Protetor, Você disse que todo o mundo convencionalmente nascido existe apenas por convenção.
7. É uma frase sem sentido atraindo os simplórios que algo de criado exista como um todo! É uma afirmação falsa, iludida como um punho vazio.
8. Se uma coisa composta não é nascida, como pode então estar presente? Se uma coisa, isto é, a causa, foi destruída, acabou; como pode então estar relacionada com o que vai surgir?
9. Algo não nasce a partir de si mesmo, de algo mais, ou de ambos, quer seja existente, não existente, ou existente e não existente. Como pode então surgir?
10. O não nascido não tem ser próprio, então como pode surgir de si mesmo? Nem pode surgir de algo mais, já que está definitivamente estabelecido que não existe ser próprio.
11. Se houvesse ser próprio haveria outros seres; se houvesse outro seres, ser próprio poderia ser mantido. O estabelecimento destes dois foi exposto por Você como sendo correlativos, como a praia distante e a próxima.
12. Quando algo não está ligado a nada, como pode então aquela coisa existir? Por exemplo, quando não está relacionado como 'comprido,' como pode algo 'curto' existir?
13. Quando existe a existência existe a não existência, assim como o curto existe quando existe o longo. Já que existe a existência quando existe a não existência, cada qual dos dois não existem.

14. A unidade e a multiplicidade, o passado e o futuro e este tipo de coisas, conspurcação e purificação, verdadeiro e falso—como podem eles existirem por si mesmos?
15. Quando uma entidade não existe completamente por si mesma, certamente não pode existir como um todo independente. O que é chamado de ‘outro’ não existe sem seu ser próprio.
16. Quando não existem ‘outros’, não existem coisas com natureza própria. Então que tipo de confisco do materialismo é o conceito de uma natureza dependente que é independente!
17. Já que todas as coisas desde o começo nascem da mesma forma e passam para o nirvana por suas próprias naturezas, Você disse que na verdade os fenômenos são não nascidos.
18. Você mostrou, Ó Sábio, que a forma e os skandhas remanescentes não tem ser próprio, como espuma, bolhas, ilusões, nuvens, miragens e plátanos.
19. Se aquilo que fosse percebido com os sentidos fosse verdadeiro, os de mente simplória já teriam o conhecimento da realidade. De que valeria então o conhecimento da realidade?
20. Você afirmou que os sentidos são obtusos, não confiáveis, imprecisos, e fontes de compreensão errônea.
21. Tendo profundamente compreendido que ninguém tem acesso à verdade, Você afirmou que é por isso que o mundo está envolto na ignorância.
22. ‘Existe’ é o dogma do eternalismo. ‘Não existe’ é o dogma da aniquilação. (Mas) Você revelou o Dharma da origem co-dependente, livre dos dois extremos.
23. Portanto Você disse que os fenômenos estão além das quatro categorias. Não são conhecíveis à consciência, muito menos à esfera das palavras.
24. Como um sonho, uma ilusão, ou vendo duas luas: Assim Você viu o mundo, como uma criação não criada como verdadeira.
25. Como um filho que nasce, se estabelece, e morre em um sonho, o mundo, Você o disse, não é na verdade nascido, não permanece, e não é destruído.
26. Num sonho, o que quer que surja é experimentado como resultante da causalidade. Você mantém que todas as coisas são assim, tanto em suas origens quanto em suas dissoluções.
27. Você proclamou que o sofrimento nascido do desejo e de outros venenos, bem como dos klesas, o sofrimento do samsara, o completamento das duas acumulações, e mesmo a liberação são como um sonho.
28. Quando alguém compreende algo como nascido ou não nascido, presente ou ido, ligado ou liberado, ele mantém a dualidade e conseqüentemente não conhece a verdade.

29. Como pode aquilo que não surge passar para o nirvana? Já que é como um elefante ilusório está na verdade originalmente em paz.

30. Assim como nós afirmamos que um elefante ilusório aparentemente nasce, não nasce, assim tudo aparentemente nascido é na verdade não nascido.

31. Incontáveis protetores do mundo aparentemente conduziram inumeráveis seres um por um ao nirvana, mas na verdade nem um só ser foi liberado por eles!

32. Você não afirmou categoricamente, Ó grande Sábio, que quando aqueles seres que atingem o nirvana são de fato não nascidos, então ninguém é liberado por ninguém?

33. Assim como o trabalho de um mágico é vazio de substância, todo o resto do mundo—inclusive um criador—foi dito por Você ser vazio de substância.

34. Um criador criado por um outro criador não pode evitar ser criado e assim é impermanente. Mas dizer que ele se cria a si mesmo implica que o criador é o agente da atividade que a ele afeta!

35. Você proclamou que tudo é meramente um nome. Nada exprimível é achado fora da expressão.

36. Portanto Você declarou que todos os fenômenos são meramente abstrações. Até mesmo a abstração através da qual sunyata é concebida Você declarou ser não existente.

37-39. Aquilo que transcendeu a dualidade do ser e não ser, sem contudo ter transcendido nada; aquilo que não é o conhecimento ou conhecível, nem existente nem não existente, nem um nem múltiplo, nem ambos nem nenhum dos dois; aquilo que é sem fundamento, sem manifestação, inconcebível, incomparável; aquilo que não surge, nem desaparece, não é aniquilado, e não é permanente—isto é a realidade, como o espaço, não estando dentro dos limites das palavras ou do conhecimento.

40. Justamente isto é a origem co-dependente; justamente isto é o que Você sustenta ser sunyata. O verdadeiro princípio (saddharma) é deste tipo, e o Tathagata também é assim.

41. Também é aceito como sendo a verdade, o significado último, a Talidade, e o real. É o indisputável. Quem quer que desperte para tal é chamado Buda.

42. Portanto não existe na verdade nenhuma diferença entre o mundo dos seres humanos e dos Budas. Assim Você mantém a identidade de você mesmo e os outros.

43. Sunyata não é diferente das coisas e não existe qualquer coisa sem isto. Portanto Você declarou que todas as coisas que surgem dependentemente são vazias.

44. O convencional surge de causas e condições e é relativo. Assim Você falou do relativo. O significado último, contudo, não é fabricado.

45. Também é nomeado não ser próprio, natureza, verdade, substância, o verdadeiro, e a verdade. Convencionalmente uma coisa imaginada não existe mas uma relativa é vista como existindo.

46. Você afirmou que a atribuição afirmativa é dizer sobre uma entidade imaginária que ela existe. Você também declarou que cortar fora, a negação, é dizer que uma entidade composta não existe, porque é aniquilada.

47. De acordo com a cognição da verdade, contudo, Você mantém que não existe aniquilação ou permanência. Você afirma que o mundo todo é vazio de substância, como uma miragem.

48. Assim como uma miragem não é nem aniquilada nem permanente, assim toda a existência é dita nem ser aniquilada nem ser permanente.

49. Aquele para quem as coisas se lhe apresentam, tem dogmas de aniquilação e permanência impostos a si e aceita implicitamente que o mundo é finito ou infinito.

50. Assim como existe o cognoscível quando existe o conhecer, existe o conhecer quando existe o cognoscível. Quando ambos são não nascidos, o que existe para ser compreendido?

51. Assim ensinando claramente através de analogias—tal como ilusão e assim por diante—o Médico Supremo ensinou o Dharma Sagrado, que cura todos os dogmas.

52. A verdade última é o ensinamento que as coisas são sem ser próprio. Este é o remédio incomparável para aqueles consumidos pela febre do positivismo.

53. Precisamente portanto, Ó Monge-Ofertante do Dharma, Você repetidamente fez Oferendas do Dharma nos três mundos que são insuperáveis, sem impedimentos e sem obstruções.

54. Você emitiu este maravilhoso rugido de leão de não-ego, que elimina o medo causado pela crença em coisas e que atemoriza os tímidos veados—os tirthikas!

55. Você fez ressoar o Tambor do Dharma que reboa com a verdade profunda de sunyata. Você soprou a Concha do Dharma, com sua límpida nota de não ser-próprio.

56. Você proclamou o presente do Dharma: o néctar do ensinamento do Buda. O significado final foi indicado—e este é, naturalmente, que os fenômenos são vazios.

57. Mas o ensinamento que diz respeito à origem, cessação, e assim por diante; quanto às vidas dos seres sencientes e estas coisas, tem significado que requer interpretação. Ó Protetor, você o chamou também de convenção.

58. Aquele que finalmente atingiu a outra margem do oceano da sabedoria perfeita mora entre as jóias das virtudes de mérito, plenamente íntimo como o oceano de suas virtudes.

59. Pela virtude do mérito que obtive assim O encomiando, o Líder incomparável e inconcebível dos seres, possam todos os seres se tornarem como você!

BODHICITTAVIVARANA
de
NAGARJUNA

Exposição de Bodhicitta

Já foi afirmado: “Devido à igualdade ou do não-self dos fenômenos, a mente da pessoa—despida de todas as entidades, isenta dos skandhas, elementos, campos dos sentidos, e sujeito e objeto—é originalmente não nascida; na essência, vazia.”

Assim como os Budas, nossos Senhores, e os grandes Bodhisattvas produziram o pensamento da Grande Iluminação (maha-bodhicitta), assim eu também, desde agora até que eu more no coração da iluminação, produzirei o pensamento da Grande Iluminação para salvar a todos os seres não salvos, liberar aqueles não liberados, consolar aqueles não consolados, e conduzir ao nirvana aqueles que ainda não chegaram ao nirvana.

Quando um Bodhisattva, tendo praticado o curso por intermédio de mantras, produziu o bodhicitta que em seu aspecto relativo tem a natureza da aspiração, ele deve por intermédio de um desenvolvimento através da meditação produzir o bodhicitta absoluto. Portanto eu revelarei a sua natureza.

1. Me inclinando aos gloriosos Vajrasattvas incorporando a mente da iluminação, eu exporei o desenvolvimento da bodhicitta que abole os três tipos de existência no samsara.
2. Os Budas mantêm que a bodhicitta não está envolvida com noções de self, skandhas, e assim por diante, mas está sempre marcada como sendo vazia destas noções.
3. Aqueles com mentes apenas tingidas de compaixão devem desenvolver a bodhicitta com um esforço especial. Esta bodhicitta é constantemente desenvolvida pelos Budas compassivos.
4. Quando o self imaginado pelos tirthikas é analisado logicamente, não obtém lugar nos cinco skandhas.
5. Se fosse idêntico com os skandhas o self não seria permanente, mas o self não tem tal natureza. E entre coisas permanentes e impermanentes uma tal relação de conteúdo-recipientes não é possível.
6. Quando não existe um assim chamado self como pode o assim chamado criador ser permanente? Apenas se houvesse um sujeito se poderia começar a investigar seus atributos no mundo.
7. Já que um criador permanente não pode criar as coisas, quer seja gradualmente ou subitamente, não existem coisas permanentes, quer sejam externas ou internas.
8. Por que um criador eficaz seria dependente? Ele naturalmente produziria coisas imediatamente. Um criador que dependa de algo mais não é nem eterno nem eficaz.
9. Se ele fosse uma entidade ele não seria permanente, pois as coisas são perpetuamente instantâneas já que você não nega que as coisas impermanentes têm um criador.

10. O mundo empírico, livre de um self e do resto, é vencido pela compreensão dos Sravakas dos skandhas, elementos, campos dos sentidos, e sujeito e objeto.

11. Assim os Budas benevolentes falaram aos Sravakas dos cinco skandhas: forma, sentimento, apreensão, formações de karma e consciência.

12-13. Mas para os Bodhisattvas o Buda, o melhor daqueles que andam em duas pernas, sempre ensinou esta doutrina sobre os skandhas: “A forma é como uma massa de espuma, o sentimento como bolhas, a apreensão como uma miragem, formações de karma como os plátanos, e a consciência como uma ilusão.”

14. O skandha da forma é declarado como tendo os quatro grandes elementos como sua natureza. Os remanescentes quatro skandhas são inseparavelmente estabelecidos como imateriais.

15. Dentre estes, o olho, a forma e assim por diante são classificados como os dezoito elementos. Novamente, como sujeito-objeto estes são conhecidos como os doze campos dos sentidos.

16. A forma não é o átomo, nem é o órgão do sentido. Absolutamente não é o sentido ativo da consciência. Assim um instigador e um criador não são adequados para produzir formas.

17. O átomo da forma não produz a consciência do sentido, porque passa além dos sentidos. Se formas empíricas são supostamente criadas por uma montagem de átomos, este acúmulo é inaceitável.

18. Se você analisar por divisão espacial, até o átomo é visto como possuindo partes. Aquilo que é dividido por partes—como logicamente isto pode ser um átomo?

19. Quanto a um só objeto externo julgamentos divergentes podem prevalecer. Precisamente aquela forma que é agradável para uma pessoa pode aparecer diferentemente para outros.

20. Quanto ao mesmo corpo feminino, um asceta, um amante e um cachorro selvagem podem ter três noções diferentes: “Um cadáver!” “Uma amante!” “Um petisco saboroso!”

21. As coisas são eficazes devido a serem *como* objetos. Não será como uma ofensa enquanto dormindo, quer dizer, emissão noturna? Uma vez despertados do sonho o resultado final é o mesmo.

22. Quanto a aparição da consciência sob a forma de sujeito e objeto, a pessoa deve perceber que não existe objeto externo fora da consciência.

23. Sob nenhuma hipótese existe uma coisa externa na forma de uma entidade. Esta aparência específica de consciência aparece sob o aspecto de forma.

24. O iludido vê ilusões, miragens, cidades de gandharvas, e assim por diante. A forma se manifesta da mesma maneira.

25. O propósito do ensinamento do Buda sobre os skandhas, elementos e assim por diante é meramente tirar fora a crença no self. Se estabelecendo na pura consciência, os grandemente abençoados Bodhisattvas abandonam aquilo também.

26. De acordo com Vijnananavada, este mundo múltiplo é estabelecido como sendo meramente consciência. Qual a natureza desta consciência é o que vamos analisar agora.

27. O ensinamento do Muni que “O mundo inteiro é apenas mente” é direcionado a remover os temores dos de mente simplória. Não é um ensinamento que diz respeito à realidade.

28. As três naturezas—o imaginado, o dependente e o absoluto—têm apenas uma natureza apenas de si mesmos: sunyata. São imaginações da mente.

29. Para os Bodhisattvas que se rejubilam no Mahayana os Budas demonstram em resumo a não ego e igualdade de todos os fenômenos e o ensinamento que a mente é originalmente não nascida.

30. Os Yogacarias dão predominância à mente mesma. Eles argumentam que a mente purificada por uma transformação em posição se torna o objeto de seu próprio conhecimento específico.

31. Mas a mente que está no passado não existe, enquanto aquela do futuro não pode ser descoberta. E como pode a mente do presente mudar de lugar para lugar?

32. A alayavijnana não aparece da forma que é. Como ela aparece—ela não é desta forma. A consciência essencialmente não tem substância; não tem outra base que a insubstancialidade.

33. Quando um imã é trazido para perto, o ferro rapidamente se vira em sua direção; apesar de não ter mente, parece tê-la. Desta mesma forma,

34. O alayavijnana parece ser real apesar de não ser. Quando se move para frente e para trás parece reter as três existências.

35. Assim como o oceano e as árvores se movem apesar de não terem mente, o alayavijnana é ativo apenas dependendo de um corpo.

36. Considerando que sem um corpo não existe consciência, você também especificar que tipo de conhecimento específico de si mesma esta consciência possui!

37. Dizendo que um conhecimento específico de si mesmo existe a pessoa diz que é uma entidade. Mas também a pessoa diz que não é possível dizer, “É isto!”

38. Para se convencerem bem como aos outros, aqueles que são inteligentes devem sempre proceder sem erro!

39. O cognoscível é conhecido por um conhecedor. Sem o cognoscível nenhum conhecer é possível. Então por que não aceitar que sujeito e objeto não existem como tal?

40. A mente é apenas um nome. Nada é fora de seu nome. A consciência deve ser observada como sendo apenas um nome. O nome tampouco tem ser próprio.
41. Os Jinas nunca acharam que a mente existe, nem internamente nem externamente nem entre os dois. Portanto a mente tem uma natureza ilusória.
42. A mente não tem forma fixa tais como cores variadas e feitos, sujeito e objeto, feminino ou masculino, e neutro.
43. Resumindo: Os Budas não vêem o que não pode ser visto. Como poderiam eles ver o que não tem ser próprio como seu ser próprio?
44. Uma ‘coisa’ é uma construção. Sunyata é a ausência de construções. Quando construções aparecem, como pode haver sunyata?
45. Os Tathagatas não observam a mente sob a forma de conhecedor e cognoscível. Onde conhecedor e cognoscível prevalecem não existe iluminação.
46. O espaço, a bodhicita, e a iluminação são sem marcas; sem geração. Não têm estrutura; estão além do caminho das palavras. Suas ‘marcas’ são a não dualidade.
47. Os Budas magnânimos que residem no coração da iluminação e todos os Bodhisattvas compassivos sempre conhecem sunyata como sendo como o espaço.
48. Portanto Bodhisattvas perpetuamente desenvolvem este sunyata, que é a base de todos os fenômenos; calmo, ilusório, sem base; o destruidor da existência.
49. O sunyata expressa a não originação, o vazio e falta do self. Aqueles que o praticam não devem praticar o que é cultivado pelo inferior.
50. As noções sobre o positivo e o negativo têm a marca da desintegração. Os Budas falaram deles em termos de sunyata, mas os outros não aceitam sunyata.
51. A moradia de uma mente que não tem sustentação tem a marca do espaço vazio. Estes Bodhisattvas mantêm que o desenvolvimento do sunyata é o desenvolvimento do espaço.
52. Todos os dogmatistas ficaram aterrorizados com o rugido do leão de sunyata. Onde quer que eles possam ir residir, sunyata os está espreitando.
53. Quem considera a consciência como momentânea não a pode aceitar como sendo permanente. Se a mente é impermanente, como isto contradiz sunyata?
54. Resumindo: Quando os Budas aceitam a mente como impermanente, por que não deveriam aceitar a mente como vazia?
55. Desde o começo mesmo a mente não teve ser próprio. Se as coisas pudessem ser provadas através do ser próprio, nós não a declararíamos como sendo sem substância.

56. Esta afirmação resulta em abandonar a mente como tendo uma fundação substancial. Não é da natureza das coisas transcender seus seres próprios!

57. A doçura está na natureza do açúcar e a queimadura naquela do fogo, então nós mantemos que a natureza de todas as coisas é o sunyata.

58. Quando se declara que o sunyata é a natureza de todos os fenômenos, a pessoa de forma nenhuma afirma que qualquer coisa seja destruída ou que algo seja eterno.

59. A atividade da co-originação dependente com suas doze traves de roda começando com a ignorância e acabando com a decadência nós mantemos que é como um sonho e como uma ilusão.

60. Esta roda com doze traves rola pela estrada da vida afora. Afora isto, nenhum ser senciente que partilha do fruto de suas ações pode ser achado.

61. Dependendo do espelho o delineado de um rosto aparece: Não se infiltrou ali mas também não existe sem o espelho.

62. Assim também, o sábio deve estar sempre convencido que os skandhas aparecem numa nova existência devido à recomposição, mas não migram como idênticos ou diferentes.

63. Resumindo: Coisas vazias nascem de coisas vazias. O Jina ensinou que agente e ação, resultado e gozador são todos apenas convencionais.

64. Assim como a totalidade de suas causas e condições criam o som de um tambor ou um broto, assim nós mantemos que a co-originação dependente é como um sonho e uma ilusão.

65. Não é inconsistente que os fenômenos surjam a partir de causas. Já que a causa é vazia de causa, nós a compreendemos como sendo não originada.

66. Que os fenômenos são ditos não surgir indica que são vazios. Em breve, ‘todos os fenômenos’ quer dizer os cinco skandhas.

67. Quando a verdade é aceita como foi explicado, a convenção não é rompida. O verdadeiro não é um objeto separado do convencional.

68. A convenção é explicada como sunyata; a convenção é simplesmente sunyata. Pois estes dois não ocorrem um sem o outro, assim como o criado e o impermanente concorrem invariavelmente.

69. A convenção nasce do karma devido aos klesas variados, e o karma é criado pela mente. A mente é acumulada pelos vasanas. A felicidade consiste em estar livre dos vasanas.

70. Uma mente feliz é tranqüila. Uma mente tranqüila não é confusa. Estar sem perplexidades é compreender a verdade. Compreendendo a verdade a pessoa atinge a liberação.

71. É também definida como realidade, limite real, o sem sinais, significado último, mais elevada bodhicitta e sunyata.
72. Aqueles que não conhecem sunyata não terão parte na liberação. Tais seres iludidos perambulam entre os seis destinos, aprisionados na existência.
73. Quando ascetas (yogacarin) desenvolveram assim sunyata, suas mentes sem dúvida se tornarão devotadas ao bem estar dos demais, porque pensam:
74. “Eu deveria estar grato àqueles seres que no passado me beneficiaram sendo meus pais ou amigos.
75. “Assim como eu trouxe o sofrimento aos seres vivos na prisão da existência, que são queimados pelo fogo dos klesas, é adequado que eu agora lhes dê a felicidade.”
76. O doce e amargo fruto que seres no mundo colhem na forma de um renascimento bom ou mau é o resultado de se eles feriram ou beneficiaram seres vivos.
- 77-78. Os Budas atingem o estágio insuperável dando sustentação aos seres vivos, o que será tão estranho se aqueles não guiados pela menor preocupação com os outros recebam nenhum dos prazeres dos guardiões do mundo, Brahma, Indra e Rudra?
79. Os diferentes tipos de sofrimento que seres experimentam nos reinos do inferno, como animais, e como fantasmas resultam de terem causado sofrimentos aos seres.
80. O inevitável e incessante sofrimento da fome, sede, assassino mútuo, e tormentos resultantes de ter causado sofrimento.
81. Saiba que seres estão sujeitos a dois tipos de maturação: aquela dos Budas e Bodhisattvas e aquela do mau renascimento.
82. Sustente seres vivos com toda sua natureza e os sustente como seu próprio corpo. A indiferença quanto aos seres deve ser evitada como o veneno!
83. Apesar dos Sravakas obterem uma iluminação menor graças às suas indiferenças, o bodhi dos Budas Perfeitos é obtido por não abandonar seres vivos.
84. Como podem aqueles que consideram como o fruto de ações que ajudam e que prejudicam amadurecem, persistirem em seus egoísmos por mesmo um só momento?
85. Os filhos dos Budas são ativos em desenvolver a iluminação, que possui a compaixão firme e imperturbável como sua raiz, e que cresce do broto da bodhicitta, e que tem como único fruto o benefício dos demais.
86. Aqueles que são fortificados pelo desenvolvimento da meditação constataam que o sofrimento dos demais é assustador e alarmante. Para sustentar aos demais eles abandonam mesmo os prazeres de dhyana; até mesmo entram no inferno de Avici!

87. São maravilhosos; são admiráveis; são os mais extraordinariamente excelentes! Nada é mais assombroso que aqueles que sacrificam suas pessoas e riquezas.

88. Aqueles que compreendem a sunyata dos fenômenos mas também crêem na lei do karma e seus resultados são mais maravilhosos que maravilhosos, mais assombrosos que assombrosos!

89. Desejando proteger seres vivos, eles renascem na lama da existência. Não maculados pelos eventos que ocorrem, são como os lótus que estão enraizados na lama.

90. Apesar de filhos do Buda como Samantabhadra estarem consumidos pelo combustível dos klesas através do fogo cognitivo de sunyata, as águas da compaixão ainda assim fluem através deles.

91-92. Tendo vindo sob o poder condutivo da compaixão eles demonstram a descida do Tusita, o nascimento, a alegria de viver, a renúncia, práticas ascéticas, grande iluminação, vitória sobre as hostes de Mara, o girar do Dharmacakra, o pedido de todos os deuses, e a entrada no nirvana.

93. Tendo emanado tais formas como Brahma, Indra, Visnu, e Rudra, eles apresentam através de suas naturezas compassivas uma performance adequada aos seres que necessitam serem guiados.

94. Dois tipos de conhecimento surgem do Mahayana para dar conforto e sossego àqueles que viajam tristemente pelo caminho da vida—assim é dito. Mas este não é o significado último.

95. Enquanto não foram ainda advertidos pelos Budas, Sravakas que estão no estado corpóreo de cognição permanecem numa síncope, intoxicados pelo samadhi.

96. Mas uma vez advertidos, eles se dedicam a seres vivos de variadas maneiras. Acumulando depósitos de méritos e conhecimento, eles obtêm a iluminação dos Budas.

97. Como a potencialidade de ambas acumulações, os vasanas são ditos serem a semente da iluminação. Aquela semente, que é o acúmulo das coisas, produz o broto da vida.

98. Os ensinamentos dos protetores do mundo estão de acordo como a resolução variada dos seres vivos. Os Budas empregam uma riqueza de meios habilidosos, que tomam muitas formas mundanas.

99. Os ensinamentos podem diferir em ser ou profundos ou vastos; às vezes são ambos. Apesar de diferirem por vezes, eles invariavelmente são caracterizados por sunyata e pela não dualidade.

100. Qual sejam os dharanis, estágios, e paramitas dos Budas, os Tathagatas oniscientes afirmaram que eles formam uma parte de bodhicitta.

101. Assim aqueles que sempre beneficiam seres vivos através de corpo, palavras e mente advogam as reivindicações de sunyata, não as contenções da aniquilação.
102. Os Bodhisattvas magnânimos não permanecem nem no nirvana nem no samsara. Portanto os Budas falaram disto como o “nirvana da não permanência.”
103. O elixir único da compaixão funciona como mérito, mas o elixir de sunyata funciona como o mais elevado. Aqueles que o bebem para si mesmos e outros são os filhos do Buda.
104. Saúdem estes Bodhisattvas com seus seres inteiros! Sempre dignos de honra nos três mundos, guias do mundo, eles lutam por representar a linhagem dos Budas.
105. No Mahayana este bodhicitta é dito ser o supra sumo. Então produza bodhicitta através de esforços firmes e estáveis.
106. Nesta existência não existem outros meios para a realização do benefício tanto de si mesmo quanto de outros. Os Budas até agora não vêem outros meios além de bodhicitta.
107. Simplesmente através da geração de bodhicitta uma massa de mérito é produzida. Se tomasse forma, encheria totalmente a imensidão do espaço e mais!
108. Se a pessoa desenvolvesse bodhicitta mesmo que por um só momento, nem mesmo os Jinas poderiam calcular a massa de mérito!
109. A jóia mais bela é uma mente preciosa livre de klesas. Ladrões como os klesas ou Mara não a podem roubar ou danificar.
110. Assim como as altas aspirações dos Budas e Bodhisattvas no samsara não podem ser movidas, aqueles que dirigem seu curso na bodhicitta devem tomar uma firme resolução.
111. Não importa o quão impressionante tudo isto pareça, você deve se esforçar como foi demonstrado. Dali em diante você mesmo compreenderá o curso de Samantabhadra!
112. Através do mérito incomparável que eu agora coletei por encomiar a excelente bodhicitta elogiada por tantos Jinas excelentes, possam seres vivos submergidos nas ondas do oceano da vida ganharem uma pegada no caminho seguido pelo líder daqueles que andam em duas pernas.

BODHISAMBHARA(KA)
de
Nagarjuna

As Acumulações para a Iluminação

1. Agora, na presença dos Budas, eu junto minhas mãos e inclino minha cabeça. Eu desejo explicar de acordo com a tradição o acúmulo de um Buda para a iluminação.
2. Como será possível se explicar sem omissão os acúmulos para a iluminação? Pois os Budas são os únicos que individualmente obtêm a iluminação infinita!
3. O corpo do Buda tem qualidades infinitas. As duas acumulações para a iluminação constituem a base. Portanto os acúmulos para a iluminação não têm um limite final tampouco.
4. Eu posso explicar apenas uma pequena parte destes dois acúmulos. Eu encomio os Budas e Bodhisattvas. Todos os Bodhisattvas e o resto eu reverencio sucessivamente aos Budas.
5. Já que o Prajnaparamita é a mãe dos Bodhisattvas é também a mãe dos Budas. O prajnaparamita é maior coleção para a iluminação.
6. O Prajnaparamita é a mãe dos Bodhisattvas, a habilidade é seu pai, e a compaixão sua filha.
7. A generosidade, moralidade, paciência, energia, dhyana, e os outros paramitas além destes cinco são todos devidos ao prajna—o Prajnaparamita os compreende a todos.
8. A grande compaixão penetra até a medula dos ossos. É a sustentação de todos os seres vivos. Como o amor de um pai por seu filho único, o carinho de um Buda é todo permeante.
9. Se a pessoa pensar sobre as virtudes do Buda e ouvir o registro dos milagres do Buda, isto cria o amor, a alegria, um sentimento de felicidade, e a pureza. A isto se chama grande alegria.
10. Um Bodhisattva não deve desertar ou abandonar seres vivos. Ele deve sempre cuidar deles com o melhor de sua habilidade.
11. Desde o começo mesmo do caminho, de acordo com a força de que dispõe, um Bodhisattva deve ser habilidoso em formas de converter as pessoas para que possam entrar o Mahayana.
12. A pessoa pode converter seres tão numerosos quanto os grãos de areia do Ganges de tal forma que possam virar santos, mas converter uma só pessoa ao Mahayana—isto é o que cria o mérito maior!
13. Alguns são instruídos de acordo com o Sravakayana e o Pratyekabuddhayana. Por causa de seus poderes limitados eles não são adequados para a conversão ao Mahayana.
14. Aqueles que não são adequados para a conversão ao Sravakayana, para o Pratyekabuddhayana, ou para o Mahayana devem ser prescritos ações meritórias.

15. Se as pessoas são por completo inadequadas para receber a conversão que conduz ao céu e à liberação, então um Bodhisattva deve atraí-los através das vantagens deste mundo, de acordo com o poder disponível.
16. Quanto àquelas pessoas que não podem possivelmente serem convertidas um Bodhisattva deve gerar a grande compaixão. Ele não deve jamais descartá-las!
17. Os atraindo com presentes, ensinando o Dharma, ouvindo o ensinamento do Dharma, e também praticando atos que beneficiam aos outros—estes são meios habilidosos para atrair os demais.
18. Enquanto beneficiando seres vivos sem fadiga e sem descuidos, um Bodhisattva exprime a sua aspiração pela iluminação: Beneficiar aos demais é se beneficiar a si mesmo!
19. Entrando no fundamento profundo dos dharmas, isento e separado de construções conceituais, completamente sem esforço, todas as questões são espontaneamente abandonadas.
20. Lucro, reputação, honrarias, e prazeres são as quatro coisas às quais a pessoa não se deve apegar. Nem se deve enfronhar em seus opostos. A isto se chama renúncia ao mundo.
21. Enquanto ele não obteve o Estágio Irreversível, um Bodhisattva deve sempre realizar estas ações em prol da iluminação tão zelosamente quanto se seu cabelo estivesse pegando fogo.
22. Todos os Bodhisattvas que buscam a iluminação demonstram energia sem descanso, pois eles sustentam uma carga pesada.
23. Se ele ainda não produziu a grande compaixão e paciência, apesar dele poder ter atingido o Estágio Irreversível, um Bodhisattva pode se tornar como um mortal pelo descuido.
24. Logo que você tiver obtido esta convicção, neste mesmo momento você recebe uma predição que se tornará um Buda. Certamente você se tornará um Buda uma vez tendo atingido o Estágio Irreversível.
25. Mesmo que caísse no inferno um Bodhisattva não temeria, mas o nível dos Sravakas e Pratyekabuddhas o apavora.
26. Enquanto que cair no inferno não cria barreiras absolutas para a iluminação, é uma barreira absoluta cair nas terras dos Sravakas e Pratyekabuddhas.
27. É dito que as pessoas que amam a vida têm medo de terem suas cabeças decepadas. Da mesma forma, as terras dos Sravakas e Pratyekabuddhas deve evocar temor semelhante.
28. Aceitar toda a realidade como não surgida quer dizer ver tudo como não nascido, não destruído, nem não nascido nem não destruído, nem ambos nem qualquer um, nem vazio nem não vazio.

29. Quando a pessoa não se desvia do Caminho do Meio se defrontando com qualquer fenômeno que seja, existe a aceitação do não surgimento, porque todas as idéias são eliminadas.
30. Logo que você tiver obtido esta convicção, naquele momento mesmo você recebe uma predição que se tornará um Buda. Você certamente se tornará um Buda uma vez que tenha obtido o Estágio Irreversível.
31. Até que o Bodhisattva atinja o estágio da Presença, ele deve fortalecer seu samadhi e não deve se tornar descuidado.
32. O sexto estágio, o Estágio da Presença de um Buda, é a concentração absorpta. Este é o pai de um Bodhisattva e a grande compaixão é sua mãe.
33. Prajnaparamita é sua mãe e meios habilidosos é seu pai. O termo ‘pais do Bodhisattva’ é empregado porque o último gera e o primeiro sustenta.
34. Uma pequena quantidade de mérito não pode trazer a iluminação. A pessoa a faz acontecer coletando uma quantidade de mérito do tamanho de cem Sumerus.
35. Apesar do mérito de um Bodhisattva poder ser pequeno, deve ser habilidoso. Ele deve produzir uma sustentação para todos os seres vivos, pensando:
36. “Todas as ações que eu fizer deverão sempre ser para o benefício de todos os seres vivos!” Quem pode medir o mérito de uma tal intenção?
37. Não ligar para a própria família da pessoa ou para seu próprio corpo, vida, ou riquezas, não desejar prazeres e poder ou o mundo de Brahma e de demais deuses;
38. Não desejar o nirvana, mas agir para beneficiar seres vivos—justamente isto é cuidar dos seres vivos. Quem pode medir um tal mérito?
39. Salvar e proteger um mundo ao qual falta proteção e sustentação do sofrimento e da dor—quem pode medir o mérito de formar tais intenções?
40. Possuir o Prajnaparamita por um ou por vários meses, como quando brevemente tirando o leite de uma vaca—quem pode medir um tal mérito?
41. Recitar para si mesmo e ensinar para os outros as profundas escrituras elogiadas pelo Buda, e explicar os vários significados: Isto é chamado uma massa de mérito.
42. Causando inumeráveis seres a voltar suas mentes para a iluminação a armazenagem de mérito ficará cada vez maior, de forma que a pessoa obterá o Estágio Imovível.
43. Seguir o Buda, girar a Roda do Dharma vitoriosa girada pelo Buda, e acalmar e sustar os maus impulsos: Esta é a armazenagem de mérito do Bodhisattva.

44. Agüentar o grande sofrimento do inferno (e um pouco de sofrimento extra também), de forma a beneficiar e trazer prazer aos seres vivos—isto colocará a iluminação próxima à pessoa.
45. Iniciar ação não para si mesmo mas para apenas beneficiar e dar prazer aos seres vivos, motivado pela compaixão—isto colocará a iluminação próxima à pessoa.
46. A sabedoria sem conceituação, o zelo sem preguiça, a generosidade dada liberalmente—isto colocará a iluminação próxima à pessoa.
47. Sendo independente, não obcecado por pensamentos, completo e sem manchas, aceitando que as coisas são não nascidas—isto colocará a iluminação próxima à pessoa.
48. Em frente aos Budas plenamente iluminados que estão presentes nas dez regiões, eu completamente confesso meus pecados.
49. Se os Budas que atingiram a iluminação no universo das dez direções estiverem relutantes em expor seus ensinamentos, eu os rogo que girem a Roda do Dharma!
50. Se os Budas plenamente iluminados presentes no universo das dez direções quiserem desistir de suas vidas no samsara, eu inclino minha cabeça e requeiro que fiquem.
51. O mérito da generosidade e boas morais, de bons pensamentos e ações produzidas por seres vivos por intermédio de corpo, discurso, e mente—
52. Todos nós nos regozijamos em tal mérito, acumulado por pessoas sagradas e pessoas comuns do passado, presente e futuro.
53. Se somente eu pudesse juntar todo o mérito que eu tenho e o passar para os seres vivos de forma que eles pudessem obter a plena iluminação!
54. Desta forma eu me arrependo, exorto os Budas a pregar, requeiro que o Buda permaneça, e dedico meu mérito à iluminação. Deve-se saber: Assim eu serei como os Budas.
55. Exprima o remorso por atos não saudáveis, requeira que o Buda permaneça no samsara, rejubile-se com o mérito, e o transfira à iluminação, como os Jinas afirmaram.
56. Faça isto cada três horas, dia e noite, juntando as palmas, com o joelho direito tocando no chão e manto arrumado em um ombro.
57. Se o mérito assim criado em uma hora tiver forma externa, reinos em número de milhares de vezes o número de grãos de areia do Ganges ainda assim não os poderia conter.
58. Uma vez que um Bodhisattva tenha pela primeira vez produzido o pensamento da iluminação, ou bodhicitta, ele deve mostrar respeito e bondade para todos os Bodhisattvas menores como se eles fossem seu professor ou pais.

59. Mesmo que um Bodhisattva tenha cometido um erro ele não o deve mencionar, muito menos ainda falar uma inverdade. Fale somente a verdade.
60. Se a pessoa exprime a promessa de se tornar um Buda, deseje que ele não deslize para trás, demonstre para ele o mérito do Buda, incendeie seu zelo, e desperte alegria.
61. Se ele ainda não desenredou os Suttas muito profundos, ele não deve dizer que não são as palavras do Buda. Se fizer tais afirmações, ele colherá um grande sofrimento de volta.
62. Se todos os erros, inclusive os cinco anantarya, fossem somados juntos e comparados com estes dois erros, não somariam nem uma fração deles.
63. Desenvolva cuidadosamente as três portas da liberação: sunyata, o sem marca, e o sem desejo.
64. Já que os dharmas não possuem um auto ser, são vazios (sunya). Sendo vazios, como podem ter marcas? Todas as marcas estando extintas, como podem os sábios desejar qualquer coisa que seja?
65. Enquanto que o Bodhisattva está cultivando e contemplando estes três atravessando o caminho até o nirvana, ele não deve achar que o Buddhakaya não existe. Não relaxe seus esforços neste sentido.
66. Quanto ao nirvana, ele não o realizará imediatamente, mas deve produzir este pensamento: Devemos amadurecer o Prajnaparamita.
67. Um mestre arqueiro solta suas flechas de forma que cada qual delas esteja dirigida uma à outra; cada qual sustentando aquela anterior, elas não tombam. O grande Bodhisattva é assim também.
68. Cuidadosamente ele mira a flecha da mente para a porta da liberação chamada 'vazio'. As flechas da habilidade em meios agem conjuntamente para sustentar aquela, de forma que sua prajna não tombe no nirvana.
69. Que não desertemos seres vivos! Para beneficiar seres vivos, primeiro gere esta atitude e então possua a prática das portas da liberação.
70. Existem seres vivos cujos apegos persistem durante muito tempo, e que cultivam conceitos errôneos e noções distorcidas. Tudo isto se deve à ilusão.
71. Aqueles que estão apegados a noções distorcidas e conceitos errôneos podem abandoná-los proclamando o Dharma. Primeiro se focaliza a mente na realidade, e então a pessoa chega a possuir a prática das portas da liberação.
72. Bodhisattvas beneficiam seres vivos, e contudo não chegam a ver qualquer ser vivo! Um ponto deveras difícil! Um ponto notável! A pessoa não o pode apreender.

73. Mesmo que um Bodhisattva esteja predestinado, ele deve praticar as portas da liberação. Já que a promessa original não está ainda completa, o Bodhisattva não chega ao nirvana.

74. Se ainda não atingiu sua predestinação, estando apenas preocupado com meios habilidosos, a promessa original não está ainda preenchida. Assim novamente ele não realiza o nirvana.

75. Um Bodhisattva tem um desgosto extremo com o samsara mas ainda assim se volta para o samsara. Ele tem fé e alegria no nirvana, e contudo dá as costas ao nirvana.

76. Tema os klesas mas não fique exausto com os klesas; acumule karma bom para suprimir os klesas que ficam suprimindo.

77. Um Bodhisattva tem uma natureza apaixonada; ele ainda não tem a natureza do nirvana. Assim apenas quando os klesas não estão ainda extintos pode ele produzir a semente da iluminação.

78. Um Bodhisattva prediz o destino de outros seres. Esta predição tem como condição necessária o mérito de um Tathagata e a habilidade, capacitando-os a atingir a outra margem.

79. Um Bodhisattva deve propagar e estabelecer todos os sastras, técnicas, ciências, e artes para o uso e benefício de toda a humanidade.

80. De acordo com os estágios da transmigração e casta no mundo de convertidos em potencial, um Bodhisattva procede ali como ele deseja; em virtude de suas promessas ele aceita o renascimento.

81. Quando encarado com vários assuntos malignos e a adulação e engano das pessoas, envergue uma forte armadura. Não fiquem enojados pelo samsara e temam buscar a iluminação.

82. Bodhisattvas com uma mente completamente pura não adulam nem enganam. Eles revelam todos seus pecados e erros, mas escondem e guardam suas boas ações sem se vangloriar.

83. Puro no karma do corpo e discurso e também no karma mental, um Bodhisattva cultiva todas as regras morais, não permitindo quaisquer diminuições ou deficiências.

84. Um Bodhisattva deve pacificamente morar na plena atenção. Ele seleciona um objeto e o contempla na solidão, empregando a atenção para se resguardar, de forma que sua mente se torne uma mente sem apegos.

85. Se pensamentos discursivos surgirem, ele deve determinar se eles são saudáveis ou não, abandonando aqueles que não são e aumentando os que são.

86. Se sua mente for perturbada por objetos, ele deve concentrar sua atenção, conduzir suas mente de volta ao objeto, e se ela oscilar fazer com que ela se detenha.

87. Não relaxe ou tombe no apego, mas cultive o esforço. Se um Bodhisattva não puder sustentar seu samadhi, ele deve constantemente tentar fazê-lo.
88. Aqueles que estão por subirem ao Sravakayana, ou ao Pratyekabuddhayana, agindo meramente por seus próprios benefícios, não devem abandonar a energia resoluta—
89. Então o que dizer do grande Bodhisattva! Como seu próprio salvador e salvador dos outros, não deveria ele empregar dez mil milhões de vezes mais zelo?
90. Por meia hora se poderia praticar várias meditações e por uma outra seguir diferentes procedimentos, mas não é esta a forma de praticar o samadhi! Que a mente esteja fixa em um só objeto!
91. Não deve haver afeição pelo corpo da pessoa e nenhum arrependimento por sua própria vida. Mesmo que se queira proteger este corpo, ainda assim no fim se provaria sujeito à decadência e à miséria, por natureza.
92. Esteja por completo desapegado de ganho, honrarias e fama. Aja vigorosamente para preencher a promessa de se liberar a si mesmo e aos outros, como se sua cabeça ou roupas estivessem pegando fogo.
93. Determinado a produzir o bem mais elevado, um Bodhisattva não esperar pelo amanhã. O amanhã se encontra longe demais. Como se pode preservar uma existência transiente?
94. Um Bodhisattva deve tranquilamente morar na plena atenção com total equanimidade. Se tivesse que comer a carne de seu filho favorito, ele o faria sem ficar atraído ou repellido.
95. O propósito de se renunciar à vida mundana, e como determinar se o que fizemos e o que deixamos de fazer deveria ser feito ou não—isto está explicado no Dasadharmakasutra.
96. Veja que as coisas compostas são impermanentes, e que não existe eu ou meu. Consciente de todas as ações de Mara, abandone-as!
97. Produza o zelo e cultive os cinco poderes, as cinco forças, os sete ramos da iluminação, as quatro bases de poderes miraculosos, as quatro restrições, o caminho óctuplo, e as quatro aplicações da plena atenção.
98. Uma mente pode ser o lugar para o contínuo nascimento de coisas boas, felicidade, e mérito, mas também pode ser a raiz do mal. Avalie isto cuidadosamente!
99. Quanto aos dharmas positivos, observe diariamente como eles aumentam e como diminuem.
100. Se a pessoa vir outros ganharem lucro, sustentação, respeito, e fama, a mente da pessoa não deve reagir com mesmo a menor inveja ou ciúmes.
101. Viva sem desejar os objetos dos sentidos, como se fosse um bronco, cego, mudo e surdo. No momento certo o rugido do leão assusta os veados dos tirthikas.

102. Em dar as boas vindas e se despedindo, honre aqueles que devem ser respeitados. Em todas as questões do Dharma, seja bondoso e prestativo.

103. Salvando e liberando aqueles que sofrem a aniquilação, a pessoa prospera e não é destruída. Cultivando as ciências e ofícios bem, a pessoa treina a si mesma e instrui os outros.

104. Quanto a dharmas especialmente bons, mantenha-os a todo custo. Pratique os quatro fundamentos propícios e faça doações de roupa, bebida e comida.

105. Não repila aqueles que pedem esmolas. Reconcilie todos seus amigos. Não se volte contra seus seguidores. Faça doações de moradias e propriedades.

106. Dê a seus parentes, pais e amigos o que lhes é devido; dê-lhes o tratamento devido ao Senhor supremo.

107. Fale bondosamente até a um escravo e cuide dele. Mostre-lhe grande respeito, torne remédios obteníveis, e cure todas as doenças.

108. Aquelas cujas cabeças estão adornadas com um usnisa devido ao bom karma anterior, cujas vozes são belas, suaves, bonitas, e maravilhosas, aqueles cuja voz (i.e., brahmasvara) é devido ao bom karma e à forma correta mental, nunca deixarão de ser respeitados, no futuro bem como no passado.

109. Não machuque os seguidores de outrem. Veja seres vivos com um olho compassivo e sem um espírito ciumento, como se fosse parentes e amigos.

110. A pessoa sempre deve fazer o que prometeu. Agir conforme o prometido ganha a confiança alheia.

111. Sustente o Dharma e cuidado como os preguiçosos. Faça redes preciosas de ouro e jogue-as sobre os caityas (templos).

112. Se a pessoa deseja procurar uma bela moça, se deve lhe dar ornamentos. Mas além de jóias, se deve também lhe dar o discurso das qualidades do Buda.

113. Faça estátuas do Buda sentando reto em belas flores de lótus. Pratique os seis dharmas com alegria e prazer.

114. Aquelas que são honráveis não devem ser desonrados. Não critique o Dharma falado pelo Buda ou por aqueles que discorrem sobre o Dharma, mesmo para salvar sua vida.

115. Distribua ouro e jóias aos professores e às caityas dos professores. Se você vir que está esquecendo o que aprendeu, concentre para não ficar confuso.

116. Quando a pessoa ainda não considerou completamente o curso de ação, não se deve ficar apavorado nem apenas imitar as ações dos demais. Não acredite em deuses, nagas, ou yaksas dos tirthikas.

117. A mente da pessoa deve ser como o vajra (raio), capaz de penetrar todos os dharmas, ou como uma montanha, imperturbável em todas as situações.

118. Aprecie expressões que transcendem o mundo. Não tenha prazer em transações do mundo. Mantenha todas as virtudes em si mesmo e ajude aos demais a fazê-lo também.

119. Desenvolva as cinco esferas da liberação, contemple as dez noções da impureza, e reflita sobre os oito pensamentos de um grande Ser.

120. Claramente desenvolva os cinco superconhecimentos: o olho dos deuses, a audição dos deuses, a habilidade de realizar transformações miraculosas, a habilidade de ler a mente dos outros, e a lembrança de vidas passadas.

121. As quatro bases do poder constituem a raiz: vontade, mente, energia, e deliberação. Os quatro fundamentos infinitos são o amor, a compaixão, a alegria e a equanimidade.

122. Observe os quatro elementos como cobras venenosas, as seis bases como um vilarejo deserto, os cinco skandhas como um assassino.

123. Reverencie o Dharma e os professores do Dharma, e deixe de lado qualquer animosidade quanto ao Dharma. O professor não deve fechar o punho; aqueles que ouvem não devem ser aborrecidos.

124. Pregue o Dharma aos outros sem rudeza e sem expectativas, apenas com um coração compassivo e uma mente devotada e respeitosa.

125. Seja insaciável no que diz respeito a aprender e memorizar aquilo que você aprendeu. Não seja enganoso quanto a respeitadas personagens sagradas, mas dê prazer ao professor.

126. Investigando outros ensinamentos, não deixe seu coração entreter reverências. Não estude ou recite textos mundanos por causa da dificuldade de tratados Budistas.

127. Não calunie, por raiva, quaisquer dos Bodhisattvas. Quando a pessoa ainda não abarcou e aprendeu o Dharma não se deve causar calúnia.

128. Abandone o orgulho e mantenha os quatro nobres princípios. Não despreze outros; não seja auto importante também.

129. Quer uma ofensa seja verdadeira ou fictícia, não conte a outros sobre isto. Não note os erros dos demais; apenas esteja consciente de seus próprios erros.

130. O Buda e o Budadharma não devem ser objetos de especulação ou de dúvida. Apesar do Dharma ser muito difícil de se acreditar, a pessoa deve ter fé nele.

131. Mesmo que um Bodhisattva morra dizendo a verdade, ou seja privado de seu status exaltado como um rei cakravartin ou Indra, ele deve dizer a verdade e nada mais.

132. Mesmo que você seja batido, insultado, ameaçado, chicoteado, ou amarrado por alguém, não mantenha qualquer ressentimento em relação a esta pessoa. Os males presentes e futuros são todos devidos ao mau karma da própria pessoa.

133. Respeite, ame e sustente seus pais muito; sirva seu instrutor e reverencie seu professor.

134. É um erro para o Bodhisattva discorrer sobre o Dharma muito profundo (i.e., o Mahayana) para aqueles que crêem no Sravakayana e no Pratyekabuddhayana.

135. Se as pessoas acreditarem no Mahayana profundo e a pessoa ainda assim pregar o Sravakayana e o Pratyekabuddhayana, isto também é um erro para o Bodhisattva.

136. Muitas pessoas vão ao mosteiro por interesse no Dharma. Se forem descuidados, não se lhes deve oferecer discursos, mas se deve cuidar de malfeitores e estabelecer descrentes no Mahayana.

137. Um Bodhisattva deve abandonar estes quatro erros. As virtudes de um homem purificado devem ser recitadas e aprendidas, praticadas e cultivadas.

138. Os quatro Bodhisattvamargas são equanimidade, discurso equilibrado sobre o Dharma, ser bem estabelecido na imparcialidade, e ser o mesmo para todos os seres vivos.

139. Os quatro tipos de Bodhisattvas agem para o Dharma, não para se aproveitar; para o mérito, não para a reputação. Desejam salvar seres vivos do sofrimento, para si mesmo não querendo qualquer prazer.

140. Se um Bodhisattva sinceramente busca a maturação de suas ações, deve fazer as três práticas meritórias surgirem. Deve também amadurecer seres vivos e rejeitar seus próprios afazeres.

141. O Bodhisattva deve se aproximar de quatro bons amigos: o professor, o Buda, aqueles que oferecem encorajamento para ascetas, e monges.

142. Aqueles que se baseiam em conhecimento mundano, que especialmente cobiçam bens mundanos, que crêem no Pratyekabuddhayana, ou que crêem no Sravakayana:

143. Um Bodhisattva deve tomar cuidado com estes quatro maus amigos. Busque ao invés o que é conhecido como os quatro grandes tesouros:

144. O Buda além do mundo, o estudo dos seis paramitas, uma mente que olha para o professor sem impedimentos, e ficar feliz de morar em lugares vazios.

145. Como a terra, a água, o fogo, vento e espaço, por completo e em toda parte, os Bodhisattvas beneficiam seres vivos igualmente.

146. Considere o significado mesmo das palavras do Buda e infatigavelmente produza dharanis. Não incomode de qualquer forma aqueles que estão estudando o Dharma.

147. Aqueles que têm que ser disciplinados nas nove bases de brigar devem colocar de lado as vinte questões menores sem excessão. Os oito tipos de preguiça também devem ser extintos.

148. Não dê guarida a afeições inadequadas, pois desejos fora da medida não estão de acordo com a verdadeira vontade da pessoa. Aqueles que estão desunidos devem ser unidos, sem que se pergunte se são amigos.

149. Um sábio não baseia suas ações no sunyata pela apreensão do sunyata. Se a pessoa acha que deve absolutamente apreender sunyata, este erro equivale à falta de crer numa substância pessoal.

150. Varra o pó, passe esterco de vaca, faça decorações, e realize a veneração dos caityas com muitos tipos de música de tambores e oferendas tais como incenso, colocar o cabelo num nó, e assim por diante.

151. Faça várias rodas de lâmpadas, venere os caityas, e doe parassóis, sandálias de couro, cavalos de montaria, carruagens, carroças, e assim por diante.

152. Um Bodhisattva deve especialmente se regozijar no Dharma e apreciar uma crença intelectual nas realizações do Buda. Ele deve alegremente suprir e servir a Sangha e ter prazer em ouvir o Dharma Sagrado.

153. Não nascido no passado, não permanecendo no presente, e não chegado ao futuro—observe desta forma todos os dharmas.

154. Seja benevolente para seres vivos sem buscar deles recompensa. Agüente seus problemas sozinho, sem buscar prazer para si mesmo.

155. Mesmo que a pessoa seja digna de renascimento no céu como resultado de um grande mérito, o coração da pessoa deve ser elevado ou exaltado. Mesmo que a pessoa esteja numa grande necessidade como um demônio faminto, a pessoa nunca deve ficar triste ou abatida.

156. Aqueles que estão plenamente disciplinados devem ser totalmente respeitados. Aqueles que ainda não estão disciplinados devem entrar na disciplina, e não devem ser objetos de desprezo.

157. Aqueles cuja boa conduta é perfeita devem ser respeitados. Se violarem esta boa conduta, devem retornar à sua prática. Aqueles cuja sabedoria é perfeita devem ser considerados como amigos. Aqueles que são tolos devem ser estabelecidos na sabedoria.

158. O sofrimento do samsara é de muitos tipos: nascimento, envelhecimento, morte, e um mau renascimento. Mas não tema tais perigos! Conquiste Mara e uma má compreensão.

159. Ajunte todas as virtudes em todos os campos de Buda. Tome elevadas promessas, de forma que todos as possam atingir.

160. Nunca se aproprie de dharmas, mas abra mão deles. Fazer isto é aceitar a responsabilidade, tomando responsabilidade para todos os seres vivos.

161. Aquele que corretamente examina todos os dharmas vê que não existe eu e meu. Ainda assim ele não abandona a grande compaixão e a grande bondade.

162. Se deve superar toda a veneração para poder venerar o Buda Bhagavat. De que natureza é esta veneração? É conhecida como veneração do Dharma.

163. Se a pessoa apreender o Bodhisattvapitaka e obtiver os vários dharanis enquanto que penetra no fundamento profundo de todos os dharmas, isto é a veneração do Dharma.

164. Segure a coisa principal, sem preferir esta ou aquela articulação. Entre no caminho profundo do Dharma com alegria, não mostrando descuido.

165. Quando ascetas e donos de casa coletarem estas acumulações durante grandes aeons numerosos como as areias do Ganges, eles atingirão a iluminação perfeita!

LOKATITASTAVA
de
Nagarjuna

Hino ao (Buda)
Transcendente ao mundo

1. Ó você que está além do mundo! Obediência a Você versado no conhecimento do vazio. Apenas para o benefício do mundo Você por tanto tempo mostrou a compaixão incansável.
2. Você mantém que fora os meros skandhas nenhum ser vivo existe, e contudo, grande sábio, Você se exauriu para o benefício dos seres vivos!
3. Você que é um sábio! Para os sábios você declarou que os skandhas são comparáveis a uma ilusão, uma miragem, uma cidade de gandharvas, e sonhos!
4. (Os skandhas) ocorrem devido a uma causa e não existem na ausência desta: Por causa disto, Você não manteve claramente que eles são como reflexos?
5. Os (quatro grandes) elementos são imperceptíveis ao olho, então como pode o 'visível' consistir deles? Falando assim da forma Você rejeitou a crença na forma.
6. Como não existe sem um objeto a ser sentido, o sentimento é sem self. E Você mantém que o objeto do sentimento não existe por auto-ser tampouco.
7. Se um conceito e seu objeto não fossem diferentes, a palavra 'fogo' queimaria a boca. Se fossem diferentes, não haveria compreensão de nada. Assim falou Você como aquele que diz a verdade.
8. Que um agente seja auto-dependente e que sua ação também seja Você somente expressou convencionalmente. Na verdade Você manteve que ambos estão estabelecidos em dependência mútua.
9. Nenhum agente de uma ação existe e tampouco existe o experimentador. Mérito e demérito se originam dependentemente. Você declarou, Ó Mestre das palavras, que o que se origina dependentemente é sem origem!
10. Não existe objeto de conhecimento a menos que esteja sendo conhecido. Mas a consciência que conhece não existe sem seu objeto! Assim Você disse que o conhecimento e o objeto do conhecimento não existem por seu próprio ser.
11. Se uma marca fosse diferente do mercado, o mercado existiria sem a marca! E você claramente demonstrou que se a marca e o mercado são concebidos como não diferentes, nenhum dos dois existe.
12. Com seu olho de conhecimento Você percebe como calmo este mundo que é sem marca e mercado e livre da expressão das palavras.

13. Uma coisa existente não surge, nem uma coisa que não é existente, nem uma existente e não existente: nem de si mesmo, de outra coisa, ou de ambas. Então como pode ser nascida?

14. Não é razoável que um existente, que deve estar ligado à duração deva ser destruído. E como algo que é não existente, como os chifres de um cavalo, ser extinto?

15. A destruição não é diferente da entidade; nem pode ser pensado como algo não diferente. Se fosse diferente da entidade a ser destruída, seria permanente. Se fosse não diferente, não poderia ocorrer.

16. Com certeza a destruição não é razoável se a coisa é uma unidade; certamente a destruição não é razoável se a coisa for múltipla.

17. Primeiramente, não é lógico que o efeito deve aparecer nem de uma causa que foi destruída ou de uma que ainda não foi destruída. Portanto, Você mantém que a origem é como um sonho.

18. Nem da semente destruída nem da não destruída pode o broto possivelmente surgir. Você afirmou que todo o surgir é como o surgir de uma ilusão.

19. Portanto Você compreendeu plenamente que este mundo surgiu devido à imaginação. É irreal, e não tendo origem não pode ser destruído.

20. Não existe um perambular permanente no samsara. Você, melhor entre os conhecedores da verdade, declarou que o samsara é como um sonho.

21. Os dialéticos sustentam que o sofrimento é criado por si mesmo, criado por um outro, criado por ambos, ou criado sem uma causa; mas Você afirmou que surge dependentemente.

22. O que surge dependentemente é exatamente o que Você vê como sunyata. Ó, seu rugido incomparável de leão é que nada independente existe!

23. O ensinamento que é como a ambrosia do sunyata objetiva a abolição de todos os conceitos. Mas se alguém crer no sunyata Você declarou que ele está perdido!

24. Ó Protetor! Já que eles estão inativos, dependentes, e vazios, dependentemente surgidos como uma ilusão, Você tornou claro que todos os fenômenos são sem ser próprio.

25. Você nada colocou e nada negou. Agora como então Você está plenamente desperto para a Talidade.

26. A menos que a pessoa apele para o desenvolvimento praticado pelos nobres, a consciência com certeza nunca se tornará sem sinais aqui neste mundo.

27. Você proclamou que não existe liberação a menos que se apele para o que não tem sinais. Portanto Você o demonstrou compreensivamente no Mahayana.

28. Pelo mérito que eu obtive Lhe encomiando, um adequado vaso de elogio, possa o mundo todo se tornar livre das ligaduras dos sinais.

MULAMADHYAMAKAKARIKA

de

Nagarjuna

Versos dedicatórios

Eu me prostro ante o Buda Perfeito
O melhor dos professores, que ensinou que
Tudo que surgiu dependentemente não
Cessa, não nasce,
Não é aniquilado, não é permanente,
Não vem, nem vai,
Não tem distinções, não tem identidade,
E está livre de construções conceituais.

Capítulo I

Exame das condições

1. Nem de si mesmo nem de outros,
Nem de ambos,
Nem com causa,
Qualquer coisa que seja, em qualquer parte surge.

2. Existem quatro condições: condição eficaz;
Condição de percepção do objeto; condição imediata;
Condição dominante, assim é.
Não há quinta condição.

3. A essência das entidades
Não está presente nas condições etc...
Se não houver essência
Não pode haver essência do outro.

4. O poder de agir não tem condições.
Não há poder de agir sem condições.
Não existem condições sem o poder de agir.
Nem tem qualquer o poder de agir.

5. Estas dão origem àquelas,
Então estas são chamadas condições,
Enquanto aquelas provém destas,
Por que não são estas não-condições?

6. Pois nem uma coisa existente nem uma não-existente
São uma condição apropriada.
Se uma coisa é não-existente, como poderia ter uma condição?
Se uma coisa já é existente, o que poderia uma condição fazer?

7. Quando nem existentes nem
Não-existentes nem existentes não-existentes são estabelecidos,
Como poderia a pessoa propor uma “causa produtiva?”
Se houvesse uma, seria sem sentido.

8. Uma entidade existente (episódio mental)
Não tem objeto
Já que um episódio mental é sem objeto,
Como poderia haver qualquer condição de percepção?

9. Já que as coisas são não-surgidas,
A cessação não é aceitável.

Portanto, uma condição imediata não é razoável.
Se algo cessou, como poderia ser uma condição?

10. Se as coisas não existissem
Sem essência,
A frase, “Quando isto existe assim será,”
Não seria aceitável.

11. Nas várias ou unificadas condições
O efeito não pode ser achado.
Como pode algo fora das condições
Provir das condições?

12. Contudo, se um efeito não-existente
Surgir destas condições,
Por que não surge de não-condições?

13. Se a essência do efeito são as condições,
Mas as condições não têm suas próprias essências,
Como pode um efeito cuja essência são as condições
Vir de algo que é sem essência?

14. Portanto, nem com as condições como suas essências,
Nem com não-condições como suas essências existem quaisquer efeitos.
Se não existem tais efeitos,
Como podem condições ou não-condições estarem evidentes?

Capítulo II

Exame do movimento

1. O que foi movido não está se movendo.
O que não se moveu não está se movendo.
Fora o que foi movido e o que não foi movido,
O movimento não pode ser concebido.

2. Quando existe a mudança, existe o movimento.
Já que há alteração no que se move,
E não no movido ou no não-movido,
O movimento está naquilo que está se movendo.

3. Como pode ser aceitável
Para o movimento estar no movente?
Quando não está se movendo, não é aceitável
O chamar aquilo que é movente.

4. Para todo aquele que existe movimento no movente,
Pode haver não-movimento
Evidente no movente.
Mas tendo movimento se segue de ser um movente.

5. Se o movimento está no movente,
Seria necessário haver um movimento duplo:
Um em virtude daquilo que é o movente,
E um em virtude daquilo do qual move.

6. Se existisse um movimento duplo,
O sujeito daquele movimento seria duplo.
Pois sem um sujeito do movimento,
Não pode haver o movimento.

7. Se sem um movente
Fosse correto dizer que existe o movimento,
Então se não houvesse movimento,
Como poderia haver um movente?

8. Enquanto um movente verdadeiro não move,
E um não-movente não move,
Fora do movente e do não-movente,
Que terceira coisa poderia mover?

9. Quando sem movimento,
É inaceitável chamar algo de movente,

Como pode ser aceitável
Dizer que um movente move?

10. Para aquele cuja perspectiva um movente move,
Haveria a conseqüência que
Sem o movimento poderia haver um movente.
Porque o movente move.

11. Se um movente movesse,
Haveria um movimento duplo:
Um em virtude do que é um movente,
E um em virtude do que o movente se move.

12. O movimento não começa naquilo que se moveu,
Nem começa naquilo que não se moveu,
Nem começa naquilo que é o movente.
Em que, então, começa o movimento?

13. Antes do começo do movimento,
Não existe começo do movimento no
Ir e no que foi.
Como poderia haver movimento no que não foi?

14. Já que o começo do movimento
Não pode ser concebido em qualquer forma,
Que coisa que foi, que coisa que está indo,
E que coisa que não está indo pode ser colocada?

15. Assim como uma coisa que se move não está estacionária,
Uma coisa que não se move não está estacionária.
Fora do que se move e do que não se move,
Que terceira coisa poderia estar estacionária?

16. Se sem movimento
Não é apropriado de se colocar um movente,
Como pode ser apropriado dizer
Que uma coisa que está se movendo está estacionária?

17. A pessoa não pára de se mover,
Nem de ter se movido nem de ter se movido.
O movimento e o chegar ao descanso
E começo do movimento são parecidos.

18. Que o movimento seja apenas o movente ele mesmo
Não está correto.
Nem está correto que
Seja completamente diferente.

19. Seguir-se-ia da
Identidade do movimento e do movente
Que o agente e a ação
São idênticos.
20. Seguir-se-ia de
Uma distinção verdadeira entre o movimento e o movente
Que poderia haver um movente sem movimento
E movimento sem um movente.
21. Quando nem em identidade
Nem em diferença
Eles podem ser estabelecidos,
Como podem estes dois serem estabelecidos possivelmente?
22. O movimento através do qual um movente se manifesta
Não pode ser o movimento através do qual ele se move.
Ele não existe antes daquele movimento,
Então o que e onde está a coisa que move?
23. Um movente não realiza um movimento diferente
Daquele através do qual ele está manifesto como movente.
Além disto, em um movente
Um movimento duplo não é aceitável.
24. Um movente verdadeiramente existente
Não se move em qualquer das três maneiras.
Um movente não-existente
Não se move em qualquer das três maneiras.
25. Nem uma entidade nem uma não-entidade
Se move em qualquer das três maneiras.
Assim o movimento, o movente e
O caminho são não-existentes.

Capítulo III

Exame dos Sentidos

1. Vendo, ouvindo, cheirando,
Gosto, toque e mente
São as faculdades dos sentidos.
Suas esferas são objetos visíveis etc...
2. Aquele ver mesmo não vê
A si mesmo absolutamente.
Como pode algo que não vê a si mesmo
Ver outra coisa?
3. O exemplo do fogo
Não pode elucidar o ver.
Junto com o movente e não movido e o movimento
Que foi respondido.
4. Quando não existe nem o menor
Não-vidente que vê,
Como pode fazer sentido dizer
Que ver vê?
5. O ver em si mesmo não vê.
Não-ver em si mesmo não vê.
Através de ver
A análise clara do que vê é compreendida.
6. Sem desapego da visão não existe aquele que vê.
Nem existe um que vê desapegado da visão.
Se não existe aquele que vê
Como pode existir aquele que vê ou o visto?
7. Assim como o nascimento de um filho é dito tomar lugar
Em dependência da mãe e do pai,
Assim a consciência é dita surgir
Em dependência do olho e da forma material
8. Da não-existência de ver de do que vê segue-se que
As quatro outras faculdades do conhecimento não existem.
E todos os agregados, etc. ,
São da mesma forma.
9. Como o visto, o ouvido, o percebido com o olfato,
O degustado e o tocado,

O ouvinte, o som, etc. ,
E a consciência deve ser compreendida.

Capítulo IV

Exame dos Agregados

1. Fora da causa da forma,
A forma não pode ser concebida.
Fora da forma,
A causa da forma não é vista.

2. Se fora da causa da forma, houvesse forma,
A forma seria sem causa.
Mas não existe em lugar algum um efeito
Sem uma causa.

3. Se fora da forma
Houvesse a causa da forma,
Seria uma causa sem um efeito.
Mas não existem causas sem efeitos.

4. Quando a forma existe,
A causa do surgimento da forma não é sustentável.
Quando a forma é não-existente,
A causa do surgimento da forma não é sustentável.

5. A forma mesma sem uma causa
Não é possível ou sustentável.
Portanto, pense sobre a forma, mas
Não construa teorias sobre a forma.

6. A afirmação que o efeito e a causa são parecidos
Não é aceitável.
A afirmação que não são parecidos
Tampouco é aceitável.

7. Sentimentos, discriminações e disposições
E a consciência e estas coisas
Devem ser consideradas
Da mesma forma que a forma material.

8. Quando uma análise é feita através do vazio,
Se alguém fosse replicar,
Esta réplica falharia, já que pressuporia
Exatamente o que teria que ser provado.

9. Quando uma explicação é feita através do vazio,
Quem acharia defeito com isto

Não achará defeito, já que a crítica pressuporia
Exatamente o que seria provado.

Capítulo V

Exame dos Elementos

1. Antes da característica do espaço
Não existe o menor espaço.
Se surgisse antes da característica
Então absurdamente, surgiria sem uma característica.
2. Uma coisa sem característica
Nunca existiu.
Se a nada faltam características,
De onde surgem as características?
3. Nem no não-caracterizado nem no caracterizado
Uma característica surge.
Nem surge ela
Em algo que é diferente destes dois.
4. Se características não aparecem,
Então não é sustentável colocar o objeto caracterizado.
Se o objeto caracterizado não é colocável,
Então tampouco haverão características.
5. Disto se segue que não há o caracterizável
E nenhuma característica existente.
Nem existe qualquer entidade
Outra que a caracterizada e a característica.
6. Se não existe nada
Do que haverá que seja não existente?
Fora das coisas existentes e não-existentes
Quem conhece a existência e a não-existência?
7. Portanto, o espaço não é uma entidade.
Não é uma não-entidade.
É não-caracterizado, mas sem um caráter.
O mesmo vale para os demais cinco elementos.
8. Tolos e reificadores que percebem
A existência e a não-existência
Dos objetos
Não vêem a pacificação da objetificação.

Capítulo VI

Exame do Desejo e do Desejoso

1. Se antes do desejo
E sem desejo houvesse aquele que deseja,
O desejo dependeria dele.
O desejo existiria quando houvesse o desejoso.

2. Quando não houver o desejoso, além disto,
Onde ocorreria o desejo?
Quer exista ou não o desejo ou o desejoso,
A análise seria a mesma.

3. O desejo e o desejoso
Não podem surgir juntos.
Neste caso, o desejo e o desejoso
Não seriam mutuamente contingentes.

4. Na identidade não existe simultaneidade.
Uma coisa não é simultânea consigo mesma.
Mas se houver diferença,
Então como pode haver simultaneidade?

5. Se na identidade houvesse simultaneidade,
Então poderia ocorrer sem associação.
Se na diferença houvesse simultaneidade,
Poderia ocorrer sem associação.

6. Se na diferença houvesse simultaneidade,
Como poderiam o desejo e o desejoso,
Sendo diferentes, serem estabelecidos?
Se fossem, seriam simultâneos.

7. Se o desejo e o desejoso
Forem estabelecidos como diferentes,
Então por que você pensaria
Que eles são simultâneos?

8. Já que a diferença não está estabelecida,
Se você afirmar que são simultâneos,
Já que estão estabelecidos como simultâneos,
Você afirma também que são diferentes?

9. Já que nada diferente foi estabelecido,
Se a pessoa está afirmando a simultaneidade,

Que coisa diferente
Você quer dizer que é simultânea?

10. Assim o desejo e o desejoso
Não podem ser estabelecidos como simultâneos ou não-simultâneos.
Assim, como o desejo, nada
Pode ser estabelecido seja como simultâneo ou não-simultâneo.

Capítulo VII

Exame do Condicionado

1. Se o surgir fosse produzido,
Então também teria que ter três características.
Se o surgir não fosse produzido,
Como poderiam as características do produzido existirem?
2. Se os três, surgindo, etc. , são separados,
Não podem funcionar como características do produzido.
Mas como poderiam ser juntados
Em uma coisa simultaneamente?
3. Se o surgimento, o permanecer, e o cessar
Têm características outras que aquelas dos produzidos,
Haveria um regresso infinito.
Se não têm, não seriam produzidos.
4. O surgir do surgir apenas dá origem
Somente ao surgimento básico.
O surgimento do surgimento básico
Dá origem ao surgimento.
5. Se, como você diz, o surgimento do surgimento
Dá origem ao surgimento básico,
Como, de acordo com isto, isto
Que não surgiu do surgimento básico, dá origem àquilo?
6. Se, como você diz, aquilo que surgiu do surgimento básico
Dá origem ao básico,
Como aquela base não surgida
Dá origem a ela?
7. Se esta não surgida
Pudesse dar origem àquela,
Então, como você diz,
Dará origem àquilo que está surgindo.
8. Assim como uma lâmpada
Ilumina a si mesma bem como a outras,
Assim o surgimento dá origem a si mesmo
E às demais coisas surgidas.
9. Na lâmpada e seu lugar,
Não existe a escuridão.

O que então a lâmpada ilumina?
Pois a iluminação é desfazer a escuridão.

10. Se a lâmpada que surge
Não alcança a escuridão,
Como poderia aquela lâmpada que surge
Ter dispersado a escuridão?

11. Se a iluminação da escuridão ocorrer
Sem que a lâmpada alcance a escuridão,
Toda a escuridão do mundo
Deveria ser iluminada.

12. Se, quando está iluminada,
A lâmpada ilumina a si mesma e a outras,
A escuridão deveria, sem dúvida,
Esconder a si mesma e a outras.

13. Como poderia este surgimento, sendo não surgido,
Ter dado origem a si mesmo?
E se surgiu de outro,
Tendo surgido, que necessidade haverá para um outro surgir?

14. O surgido, o não surgido, e aquilo que está surgindo
Não surgem de forma alguma absolutamente.
Assim eles devem ser compreendidos
Assim como o ido, o não ido, e o que está indo.

15. Quando existe o surgimento mas ainda não
Aquilo que está surgindo,
Como poderíamos dizer que aquilo que está surgindo
Depende deste surgimento?

16. Tudo que surge dependentemente,
Tal coisa é essencialmente pacífica.
Portanto aquilo que está surgindo e o surgimento ele mesmo
São eles mesmos pacíficos.

17. Se uma entidade não surgida
Existe em qualquer parte que seja,
Esta entidade teria que surgir.
Mas se fosse não existente, o que poderia surgir?

18. Se este surgimento
Desse origem àquilo que está surgindo,
Por intermédio de que surgimento
Aquele surgimento surge?

19. Se um outro surgimento der origem a este,
Haveria um regresso infinito.
Se algo não surgido surge,
Então todas as coisas poderiam surgir desta forma.

20. Nem um existente nem um não existente
Podem adequadamente serem ditos surgir.
Como foi ensinado antes com
“Para nem um existente nem um não existente.”

21. O surgimento de uma coisa que cessa
Não é sustentável.
Mas dizer que não é cessante
Não é sustentável para nada.

22. Uma existência estática não permanece.
Uma existência não estática não permanece.
A estagnação não permanece.
Qual coisa não surgida pode permanecer?

23. A permanência de uma entidade cessante
Não é sustentável.
Mas dizer que não é cessante
Não é sustentável para nada.

24. Enquanto que a natureza de todas as coisas
É o envelhecimento e a morte,
Sem o envelhecimento e a morte,
Que existentes podem permanecer?

25. A estagnação não pode permanecer através de si mesma
Ou através de uma outra estagnação.
Assim como o surgimento não pode surgir de si mesmo
Ou de outro surgimento.

26. O cessamento daquilo que cessou não ocorre.
O que ainda não cessou não cessa.
Nem aquilo que está cessando.
Que não surgido pode cessar?

27. O cessamento daquilo que é estático
Não é sustentável.
Nem é a cessação de
Algo não estático sustentável.

28. Sendo estático não cessa
Através de ser ele mesmo estático.
Nem estático cessa

Através de uma outra instância de ser estático.

29. Quando o surgimento de qualquer entidade
Não é sustentável,
Então a cessação de qualquer entidade
Não é sustentável.

30. Para um coisa existente
A cessação não é sustentável.
Uma só coisa sendo uma entidade e
Uma não entidade não é sustentável.

31. Além disto, para uma não entidade,
A cessação seria insustentável.
Assim como uma segunda decapitação
Não pode ser realizada.

32. A cessação não cessa através de si mesma.
Nem cessa através de uma outra.
Assim como o surgimento não pode surgir de si mesmo
Ou de um outro surgimento.

33. Já que o surgimento, a cessação, e o permanecer
Não são estabelecidos, não existem coisas compostas.
Se todas as coisas compostas são não estabelecidas,
Como poderia o não composto ser estabelecido?

34. Como um sonho, como uma ilusão,
Como uma cidade de Gandharvas,
Assim o surgimento, o permanecer,
E a cessação foram explicados.

Capítulo VIII

Exame do Agente e da Ação

1. Este agente existente
Não realiza uma ação existente.
Nem algum agente não existente
Realiza alguma ação não existente.

2. Uma entidade existente não tem atividade.
Também haveria ação sem um agente.
Uma entidade existente não tem atividade.
Haveria também um agente sem ação.

3. Se um agente não existente
Fosse realizar uma ação não existente,
Então a ação seria sem causa
E o agente seria sem uma causa.

4. Sem uma causa, o efeito e
Sua causa não ocorrerão.
Sem isto, a atividade e
O agente e a ação não são possíveis.

5. Se a atividade, etc. , não são possíveis,
Entidades e não entidades não são possíveis.
Se não existem nem entidades nem não entidades,
Efeitos dali não podem surgir.

6. Se não há efeitos, a liberação e
Caminhos de reinos mais elevados não existirão.
Então toda atividade
Não teria propósito.

7. Um agente existente e não existente
Não realizam uma ação existente e não existente.
A existência e a não existência não podem pertencer à mesma coisa.
Pois como poderiam existir juntas?

8. Um agente verdadeiro
Não realiza uma ação não verdadeira.
Nem por um não verdadeiro uma ação verdadeira é realizada.
Disto, todos aqueles erros se seguiriam.

9. Um agente existente
Não realiza uma ação que

Seja irreal ou tanto real quanto irreal
Como já concordamos.

10. Um agente não existente
Não realiza uma ação que
Seja tanto irreal quanto real e irreal
Como já concordamos.

11. Um agente existente e não existente
Não realiza uma ação que
Seja irreal ou tanto real quanto irreal
Como já concordamos.

12. A ação depende do agente.
O agente ele mesmo depende da ação.
Não se pode
Estabelecê-los diferentemente.

13. Desta eliminação do agente e da ação,
Se deve elucidar a apropriação da mesma forma.
Através do agente e da ação
Todas as coisas restantes devem ser compreendidas.

Capítulo IX

Exame da Entidade Anterior

1. Já que a visão e a audição, etc. , e
Sentimento, etc. , existem,
Aquele que os tem e que os usa
Deve existir anteriormente a estes, dizem alguns.

2. Se não houvesse coisa existente,
Como poderiam a visão, etc. , surgir?
Segue-se disto que anterior a isto,
Há uma coisa existente.

3. Como pode uma entidade existente antes da
Visão, audição, etc. , e
Do sentido, etc. ,
Ser ela mesma percebida?

4. Se ela pode permanecer
Sem o visto etc. ,
Então, sem dúvida,
Eles podem permanecer sem ela.

5. Alguém é revelado por algo.
Algo é revelado por alguém.
Sem algo como pode alguém existir?
Sem alguém como pode algo existir?

6. Enquanto que antes de toda visão, etc. ,
Aquela entidade anterior não existe,
Através da visão, etc. , por um outro,
Então aquela coisa se torna revelada.

7. Se antes de todo a visão, etc. ,
Nenhuma entidade anterior existisse,
Como poderia uma entidade anterior
Para cada visão existir?

8. Se o que vê é o que ouve ele mesmo,
E o que sente ele mesmo, em horas diferentes,
Antes de cada um destes ele teria que ter surgido.
Mas isto não tem sentido.

9. Se o que vê ele mesmo é distinto,
O que ouve é distinto e o que sente é distinto,

Então quando houvesse um que vê, haveria também um que ouve,
E teriam que haver muitos si mesmo.

10. Vendo e ouvindo, etc. ,
E sentindo, etc. ,
Se aquilo ao qual eles pertencem não existe,
Eles mesmos não existem.

12. Pois quem quer esteja antes de,
Simultaneamente com, ou vendo após, etc. , nada existe.
Para um tal, afirmações como “existe” ou “não existe”—
Tais conceitos cessarão.

Capítulo X

Exame do Fogo e do Combustível

1. Se o combustível fosse fogo
Então o agente e a ação seriam um só.
Se o fogo fosse diferente do combustível,
Então poderia surgir sem o combustível.
2. Ficaria para sempre aceso;
Chamas seriam acesas sem uma causa.
Seu começo seria sem sentido.
Neste caso, seria sem qualquer ação.
3. Já que não dependeria de um outro
A ignição seria sem uma causa.
Se estivesse eternamente em chamas,
Começá-lo seria sem sentido.
4. Assim, se a pessoa achar que
O que queima é o combustível,
Se for somente isto,
Como está este combustível sendo queimado?
5. Se forem diferentes, e se aquele que ainda não está conectado não se conectar,
O ainda não queimado não será queimado.
Não cessarão. Se não cessarem
Então persistirão com suas próprias características.
6. Assim como um homem e uma mulher
Se conectam um ao outro como homem e mulher,
Assim se o fogo fosse diferente do combustível,
Fogo e combustível teriam que ser adequados para a conexão.
7. E, se fogo e combustível
Excluem um ao outro
Então o fogo sendo diferente do combustível,
Deve ainda assim ser afirmado que eles se conectam.
8. Se o fogo depende do combustível,
E o combustível depende do fogo,
Em que são fogo e combustível estabelecidos como dependentes?
Qual deles é estabelecido primeiro?
9. Se o fogo depende do combustível,
Seria o estabelecimento de um fogo estabelecido.

E o combustível seria combustível
Sem qualquer fogo.

10. Se aquilo do qual uma entidade depende
Estiver estabelecido na base
Da entidade que depende dele,
O que está estabelecido na dependência do que?

11. Que entidade está estabelecida através da dependência?
Se não estiver estabelecida, então como poderia depender?
Contudo, se estiver estabelecida meramente através da dependência,
Esta dependência não faz sentido.

12. O fogo não é dependente do combustível.
O fogo não é independente do combustível.
O combustível não é dependente do fogo.
O combustível não é independente do fogo.

13. O fogo não vem de algo mais,
Nem está o fogo no combustível ele mesmo.
Além disto, o fogo e o resto são como
O movido, o não movido e o que vai.

14. Combustível não é fogo.
O fogo não provém de algo diferente do combustível.
O fogo não possui o combustível.
O combustível não está no fogo, nem vice-versa.

15. Através da discussão do fogo e do combustível,
O *self* e os agregados, o pote e a roupa
Todos juntos,
Sem nada que sobre foram explicados.

16. Não acho que
Aqueles que ensinam que o *self*
Seja o mesmo que ou diferente das entidades
Compreendam o significado da doutrina.

Capítulo XI

Exame dos Limites Iniciais e Finais

1. Ao ser indagado sobre o início,
O Grande Sábio disse que nada é sabido sobre tal.
A existência cíclica é sem fim e sem início.
De forma que não existe início nem fim.

2. Onde existe um começo ou um fim,
Como poderia haver um meio?
Segue-se que pensar sobre isto em termos de
Antes, posterior, e simultâneo não é apropriado.

3. Se o nascimento tivesse vindo primeiro,
E depois disso o envelhecimento e a morte,
Então o nascimento seria sem idade e sem morte,
E teria nascido uma pessoa sem morte.

4. Se o nascimento tivesse vindo depois,
E a velhice e a morte em primeiro lugar,
Como poderia haver um envelhecimento e morte sem causa
De uma pessoa não nascida?

5. O nascimento e o envelhecimento e a morte
Não podem ocorrer ao mesmo tempo.
Senão aquilo que estivesse nascendo estaria morrendo
E ambos teriam ocorrido sem uma causa.

6. Quando a série de antes, simultâneo, e posterior
Não é possível,
Por que você é levado a colocar
Este nascimento, envelhecimento e morte?

7. Não apenas é a existência cíclica ela mesma sem um começo,
Nenhuma existência tem um começo:
Nem causa e efeito;
Nem caráter nem caracterizado...

8. Nem sentimento nem o que sente;
O que for:
Todas as entidades
São sem um começo.

Capítulo XII

Exame do Sofrimento

1. Alguns dizem que o sofrimento é auto-produzido,
Ou produzido por outro ou por ambos.
Ou que surge sem uma causa.
Não é o tipo de coisa que pode ser produzido.
2. Se o sofrimento viesse de si mesmo,
Então ele não surgiria dependentemente.
Pois aqueles agregados
Surgem em dependência destes agregados.
3. Se aqueles fossem diferentes destes,
Ou se estes fossem diferentes daqueles,
O sofrimento poderia surgir de um outro.
Estes surgiriam daqueles outros.
4. Se o sofrimento fosse causado pela pessoa mesma,
Então quem é aquela pessoa—
Por quem o sofrimento é causado—
Que existe fora do sofrimento?
5. Se o sofrimento viesse de uma outra pessoa,
Então quem é aquela pessoa—
Quando o sofrimento é dado por um outro—
Que existe fora do sofrimento?
6. Se uma outra pessoa causa o sofrimento,
Quem é aquele outro
Que dá aquele sofrimento,
Distinto do sofrimento?
7. Quando o auto-causado não fica caracterizado,
Como poderia o sofrimento ser causado por um outro?
Quem quer que tenha causado o sofrimento de um outro
Deve ter causado seu próprio auto-sofrimento.
8. Nenhum sofrimento é auto-causado.
Nada causa a si mesmo.
Se um outro não é feito por si mesmo,
Como poderia o sofrimento ser causado por um outro?
9. Se o sofrimento fosse causado por cada qual,
O sofrimento poderia ser causado por ambos.

Nem causado por si mesmo nem por outros.
Como poderia o sofrimento ser sem causa?

10. Não apenas o sofrimento não existe
Em quaisquer das quatro maneiras:
Nenhuma entidade externa existe
Em quaisquer das quatro maneiras.

Capítulo XIII

Exame dos Fenômenos Compostos

1. O Conquistador Vitorioso disse que tudo que
É ilusório é falso.
Os fenômenos compostos são todos ilusórios.
Portanto, falsos.
2. Se tudo que é ilusório é falso,
O que é aquilo que engana?
O Conquistador Vitorioso disse sobre isto
Que o vazio é completamente verdadeiro.
3. Todas as coisas não têm entidade própria,
Já que a mudança é percebida.
Nada existe sem entidade
Porque todas as coisas têm o vazio.
4. Se não existe entidade própria,
O que muda?
Se houvesse entidade,
Como poderia ser correto dizer que algo muda?
5. Uma coisa ela mesma não muda.
Algo diferente não muda.
Porque um moço não fica velho,
E porque um velho não fica velho também.
6. Se uma coisa ela mesma mudasse,
O leite ele mesmo seria coalhada.
Ou a coalhada teria que ser
Uma entidade diferente do leite.
7. Se houvesse qualquer coisa não vazia,
O vazio mesmo seria uma bobagem.
Mas nem mesmo uma bobagem é não vazia.
Como poderia o vazio ser uma entidade?
8. Os vitoriosos disseram
Que o vazio é soltar todos os pontos de vista.
Para quem quer que seja que o vazio é um ponto de vista,
Aquele nada realizará.

Capítulo XIV

Exame da Conecção

1. O que é visto, o ver, e o que vê:
Estes três—em pares ou
Todos juntos—
Não se conectam uns aos outros.

2. De forma semelhante, o desejoso, o objeto do desejo,
E as aflições remanescentes
E as fontes remanescentes de percepção
São compreendidas desta forma tríplice.

3. Já que diferentes coisas se conectam umas às outras,
Mas no que é visto, etc. ,
Não existe diferença,
Eles não podem se conectar.

4. Não apenas em ver, etc. ,
Não existe uma tal diferença:
Quando uma coisa e outra são simultâneas,
Também não é sustentável que exista uma diferença.

5. Uma coisa diferente depende de uma coisa diferente para que haja diferença.
Sem uma coisa diferente, uma coisa diferente não seria diferente.
Não é sustentável que aquilo que dependa de um outra coisa
Seja diferente da outra coisa.

6. Se uma coisa diferente fosse diferente de uma coisa diferente,
Sem uma coisa diferente, uma coisa diferente poderia existir.
Mas sem esta coisa diferente, aquela coisa diferente não existe.
Segue-se que não existe.

7. A diferença não está numa coisa diferente.
Nem está em uma coisa não diferente.
Se a diferença não existe,
Nem coisas diferentes nem idênticas existem.

8. Aquilo não se conecta com si mesmo.
Nem coisas diferentes se conectam umas às outras.
Nem a conexão nem
O conectado ou o conector existem.

Capítulo XV

Exame da Essência

1. A essência que surge a partir
De causas e condições não faz sentido.
Se a essência viesse das causas e condições
Seria então fabricada.

2. Como poderia ser apropriado
Para uma essência fabricada que fosse?
A essência ela mesma não é artificial
E não depende de um outro.

3. Se não há essência,
Como pode haver diferença nas entidades?
A essência da diferença nas entidades
É o que é chamado da entidade das diferenças.

4. Sem haver essência ou essência de outros,
Como podem haver entidades?
Se houverem essências e entidades
Entidades são estabelecidas.

5. Se a entidade não é estabelecida,
Uma não entidade não é estabelecida.
Uma entidade que se tornou diferente
É uma não entidade, é o que dizem as pessoas.

6. Aqueles que vêem a essência e a diferença essencial
E entidades e não entidades,
Não vêem
A verdade ensinada pelo Buda.

7. O Vitorioso, através do conhecimento
Da realidade e da não realidade,
No *Discurso para Katyayana*,
Refutou tanto o “é” quanto o “não é.”

8. Se a existência fosse através da essência,
Então haveria não existência.
Uma alteração na essência
Nunca seria sustentável.

9. Se não há essência,
O que poderia se tornar um outro?

Se houver essência,
O que poderia se tornar um outro?

10. Dizer “é” é agarrar a permanência.
Dizer “não é” é adotar um ponto de vista niilista.
Portanto a pessoa sábia
Não diz nem “existe” nem “não existe.”

11. “O que quer que exista através de sua essência
Não pode ser não existente” é eternalismo.
“Existia antes mas agora não”
Causa o erro do niilismo.

Capítulo XVI

Exame da Ligadura

1. Se fenômenos compostos transmigrassem,
Eles não transmigrariam como permanentes.
Se são impermanentes não transmigram.
O mesmo vale para seres sencientes.

2. Se alguém transmigra,
Então se, ao ser procurado das cinco maneiras
Nos agregados e na esfera dos sentidos e nos elementos,
Ele não estiver ali, o que transmigra?

3. Se a pessoa transmigra de pegada em pegada, então
A pessoa seria não existente.
Nem existente nem pegador,
Quem poderia ser este transmigrador?

4. Como podem fenômenos compostos passarem para o nirvana?
Isto não seria sustentável.
Como poderia um ser senciente passar para o nirvana?
Isto não seria sustentável.

5. Todos os fenômenos compostos, como coisas que surgem e que cessam,
Não são ligados e não são liberados.
Por esta razão um ser senciente
Não é ligado nem liberado.

6. Se pegar fosse ligar,
Então aquele que pega não estaria ligado.
Mas aquele que não está pegando não está ligado.
Em que circunstâncias a pessoa ficaria ligado?

7. Se antes de estar ligado
Houver um que esteja ligado
Haveria ligaduras, mas não há.
O resto foi explicado pelo ido, o não ido,
E o que vai.

8. Quem quer que esteja ligado não está liberado.
Quem quer não esteja ligado não se torna liberado.
Se um que estivesse ligado estivesse sendo liberado,
A ligadura e a liberação seriam simultâneas.

9. “Eu, sem pegar, passarei além da tristeza,

E atingirei o nirvana,” diz a pessoa.
Quem quer que segure assim
Tem uma grande pegada.

10. Quando não se pode trazer o nirvana,
Nem a purificação da existência cíclica,
O que é a existência cíclica,
E o que é o nirvana que você examina?

Capítulo XVII

Exame das Ações e de Seus Frutos

1. O auto controle e beneficiar aos demais
Com uma mente compassiva é o Dharma.
Esta é a semente para
Frutos nesta vida e nas futuras.

2. O Sábio Insuperável disse
Que as ações são ou intencionais ou não intencionais.
As variedades destas ações
Foram anunciadas de muitas formas.

3. Destas, o que é chamado de “intenção”
É o desejo mental.
O que é “não intencional”
Compreende o físico e o verbal.

4. O discurso e a ação e todos
Tipos de ações abandonadas e não abandonadas
E a resolução
Bem como ...
5. Ações virtuosas e não virtuosas
Derivadas do prazer,
Bem como intenção e moralidade:
Estes são os sete tipos de ação.

6. Se até o momento do amadurecimento
A ação tivesse que ficar no lugar, seria permanente.
Se cessasse, então tendo cessado,
Como poderia o fruto surgir?

7. Quanto ao contínuo, tal como um broto,
Vem de uma semente.
Disto surge o fruto. Sem uma semente,
Não poderia surgir.

8. Já que a semente vem de um contínuo,
E do contínuo vem a fruta,
A semente precede a fruta.
Portanto não há nem não existência nem permanência.

9. Então, em um contínuo mental,
De uma intenção precedente
Um estado mental conseqüente surge,

Sem isto, não surgiria.

10. Já que a intenção vem do contínuo,
E do contínuo a fruta surge,
A ação precede a fruta.
Portanto não há nem a não existência nem a permanência.

11. Os dez caminhos puros da ação
São o método de realizar o Dharma.
Estas frutas nesta e em outras vidas
São os cinco prazeres.

12. Se tal análise fosse avançada
Haveriam muitos grandes erros.
Portanto, esta análise
Não é sustentável aqui.

13. Eu vou então explicar o que é sustentável aqui:
A análise proposta por todos
Os Budas, conquistadores de si mesmo
E discípulos de acordo com quem...

14. A ação é como uma nota promissória não cancelada
E como uma dívida.
Dos reinos é em quatro partes.

Além disto, sua natureza é neutra.

15. Pelo abandono, isto não é abandonado.
O abandono ocorre através da meditação.
Portanto, através do não expirado
O fruto da ação surge.

16. Se o abandono ocorresse através do abandono, e
Se a ação fosse destruída através da transformação,
A destruição da ação, etc. ,
E outros erros surgiriam.

17. De todas estas ações em um reino,
Quer similares ou dissimilares,
No momento do nascimento
Apenas uma surgirá.

18. Neste mundo visível,
Todas as ações dos dois tipos,
Cada qual compreendendo ação e o não expirado separadamente,
Permanecerão enquanto amadurecem.

19. Aquela fruta, se a extinção ou a morte
Ocorrerem, cessa.
Quando a esta, uma distinção entre o sem contaminação
E o contaminado é feita.
20. O vazio e a não aniquilação;
A existência cíclica e a não permanência:
Aquela ação que não expira
É ensinada pelo Buda.
21. Porque a ação não surge,
É vista como sendo sem essência.
Porque não surgiu,
Segue-se que é não expirada.
22. Se a ação tivesse uma essência,
Naturalmente seria eterna.
A ação seria não criada.
Porque não pode haver criação do que é eterno.
23. Se uma ação fosse não criada,
O medo surgiria de encontrar algo que não fosse feito.
E o erro de não preservar
As promessas que fizemos surgiria.
24. Todas as convenções seriam
Contraditas, sem dúvida.
Seria impossível desenhar uma distinção
Entre a virtude e o mal.
25. Tudo que é maduro amadureceria
Repetidamente.
Se houvesse essência, isto se seguiria,
Porque a ação permaneceria em seu lugar.
26. Enquanto esta ação tem a aflição como sua natureza
Esta aflição não é verdadeira em si.
Se a aflição não é em si,
Como pode a ação ser verdadeira em si mesma?
27. A ação e a aflição
São ensinadas como sendo a condição que produz os corpos.
Se a ação e a aflição
São vazias, o que se poderia dizer sobre os corpos?
28. Obstruídos pela ignorância,
E consumidos pela paixão, o experimentador
Não é nem diferente do agente

Nem idêntico a ele.

29. Já que esta ação
Não surge de uma condição,
Nem surge sem causa,
Segue-se que não há agente.

30. Se não existe a ação e o agente,
Onde poderia estar o fruto da ação?
Sem um fruto,
Onde estaria o experimentador?

31. Assim como o professor, por mágica,
Faz uma ilusão mágica, e
Com aquela ilusão
Uma outra ilusão é criada,

32. Desta forma são agentes e suas ações:
O agente é como uma ilusão
A ação
É como a ilusão de uma ilusão.

33. Aflições, ações, corpos,
Agentes e frutos são
Como uma cidade de Gandharvas e
Como uma miragem ou um sonho.

Capítulo XVIII

Exame do *Self* e Entidades

1. Se o *self* fosse os agregados,
Teria o surgir e o cessar (como propriedades).
Se fosse diferente dos agregados,
Não teria as características dos agregados.

2. Se não houvesse *self*,
Onde estariam as (propriedades) do *self*?
Da pacificação do *self* e do que pertence a ele,
A pessoa se abstém de agarrar o “eu” e o “meu.”

3. Aquele que não agarra o “eu” e o “meu,”
Aquele não existe.
Aquele que não agarra o “eu” e o “meu,”
Não percebe.

4. Quando pontos de vista de “eu” e “meu” são extintos,
Quer seja em respeito ao interno quanto ao externo,
O apropriador cessa.
Tendo isto cessado, o nascimento cessa.

5. A ação e a miséria tendo cessado, há o nirvana.
A ação e a miséria provém do pensamento conceitual.
Isto provém de uma fabricação mental.
A fabricação cessa através do vazio.

6. Que exista um *self* já foi ensinado,
E a doutrina do não *self*,
Pelos budas, bem como
A doutrina de nem *self* nem não *self*.

7. O que a linguagem expressa é não existente.
A esfera do pensamento é não existente.
Não surgido e não cessado, como o nirvana
É a natureza das coisas.

8. Tudo é verdadeiro e não verdadeiro,
Real e não real,
Nem real nem não real.
Este é o ensinamento do Senhor Buda.

9. Não dependente de um outro, pacífico e
Não fabricado pela fabricação mental,

Não pensamento, sem distinções,
Esta é a característica da realidade (talidade).

10. Tudo que chega a ser dependente de um outro
Não é idêntico àquela coisa.
Nem diferente dela.
Portanto não é nem não existente no tempo nem permanente.

11. Pelos budas, patronos do mundo,
Esta verdade imortal é ensinada:
Sem identidade, sem distinção;
Não não existente no tempo, não permanente.

12. Quando os plenamente iluminados não aparecem
E quando os discípulos desapareceram,
A sabedoria dos auto iluminados
Surgirá completamente sem um professor.

Capítulo XIX

Exame do Tempo

1. Se o presente e o futuro
Dependem do passado,
Então o presente e o futuro
Teriam existido no passado.

2. Se o presente e o futuro
Não existiram ali,
Como poderiam presente e futuro
Serem dependentes dele?

3. Se nem são dependentes do passado,
Nenhum dos dois seria estabelecido.
Portanto nem o presente
Nem o futuro existiriam.

4. Pelo mesmo método,
As outras duas divisões—passado e futuro,
Acima, abaixo, meio, etc. ,
Unidade, etc. , devem ser compreendidas.

5. Um tempo não estático não é apreendido.
Nada que a pessoa possa agarrar como
Tempo estacionário existe.
Se o tempo não é agarrado, como é conhecido?

6. Se o tempo depende de uma entidade,
Então sem uma entidade como pode o tempo existir?
Não existe entidade
Então como pode o tempo existir?

Capítulo XX

Exame da Combinação

1. Se, surgindo da combinação das Causas e condições, O efeito está nas combinações, Como poderia ter surgido da combinação?
2. Se, surgindo da combinação das Causas e condições, O efeito não estiver nas combinações, Como poderia ter surgido das combinações?
3. Se o efeito está na combinação De causas e condições, Então deveria ser apreendido na combinação. Mas não é apreendido na combinação.
4. Se o efeito não está na combinação Das causas e condições. Então as causas e condições verdadeiras Seriam como não causas e não condições.
5. Se a causa, tendo seu efeito, Cessa de ter seu status causal, Haveriam dois tipos de causas: Sem e com status causal.
6. Se a causa, não tendo ainda Produzido um efeito, cessasse, Então tendo surgido de uma causa cessada, O efeito seria sem uma causa.
7. Se o efeito surgisse Simultaneamente com a coleção, Então o produzido e o produtor Surgiriam simultaneamente.
8. Se o efeito surgisse Antes da combinação, Então, sem causas e condições, O efeito surgiria sem causa.
9. Se, a causa tendo cessado, o efeito Fosse a uma transformação completa da causa,

Então uma causa previamente surgida
Surgiria novamente.

10. Como pode uma causa, tendo cessado e dissolvido,
Dar origem a um efeito produzido?
Como pode uma causa juntada com seu efeito o produzir
Se persistirem juntos?

11. Além disto, se não juntado com sua causa,
Que efeito pode surgir?
Nem vistos nem não vistos pelas causas
São efeitos produzidos.

12. Não existe nunca uma conexão simultânea
De um efeito passado
Com um passado, uma causa não surgida
Ou surgida.

13. Não existe nunca uma conexão simultânea
De um efeito surgido
Com uma causa surgida,
Ou não surgida.

14. Não existe jamais uma conexão simultânea
De um efeito que não surge
Com uma causa passada surgida
Ou não surgida.

15. Sem conexão,
Como pode uma causa produzir um efeito?
Onde existe conexão,
Como pode uma causa produzir um efeito?

16. Se a causa for vazia de um efeito,
Como pode produzir um efeito?
Se a causa não é vazia de um efeito,
Como pode produzir um efeito?

17. Um efeito não vazio não surge.
O não vazio cessaria.
Este não vazio seria
O não cessado e o não surgido.

18. Como pode o vazio surgir?
Como pode o vazio cessar?
O vazio será daí em diante
Também o não cessado e o não surgido.

19. Que causa e efeito sejam idênticos

Não é sustentável.

Que a causa e efeito sejam diferentes

Não é sustentável.

20. Se a causa e o efeito fossem idênticos,

O produzido e o produtor seriam idênticos.

Se a causa e efeito fossem diferentes,

A causa e o efeito seriam semelhantes.

21. Se um efeito tivesse entidade,

O que poderia ter causado o seu surgimento?

Se um efeito não tivesse entidade,

O que poderia ter causado o seu surgimento?

22. Se algo não está produzindo um efeito,

Não sustentável atribuir causalidade a isto.

Se não é sustentável atribuir causalidade a isto,

Então do que será aquele efeito?

23. Se a combinação

De causas e condições

Não é auto produzida,

Como pode produzir um efeito?

24. Portanto, não feita pela combinação,

E não sem combinação pode um efeito surgir.

Se não há efeito,

Onde pode haver uma combinação de condições?

Capítulo XXI

Exame do Vir a Ser e da Destruição

1. A destruição não ocorre sem aquilo que vem a ser.
 Não ocorre junto com ela.
 O vir a ser não ocorre sem a destruição.
 Não ocorre junto dela.

2. Como pode haver destruição
 Sem vir a ser?
 Como pode haver morte sem nascimento?
 Não existe destruição sem vir a ser.

3. Como podem a destruição e o vir a ser
 Ocorrer simultaneamente?
 A morte e o nascimento
 Não ocorrem simultaneamente.

4. Como poderia haver o vir a ser
 Sem a destruição?
 Pois a impermanência
 Nunca está ausente das entidades.

5. Como poderiam a destruição
 E o vir a ser ocorrer simultaneamente?
 Assim como o nascimento e morte
 Não ocorrem simultaneamente.

6. Como, quando as coisas não podem
 Ser estabelecidas como existindo,
 Com, ou separadas umas das outras,
 Podem elas ser estabelecidas?

7. Não existe vir a ser do desaparecido.
 Não existe vir a ser do não desaparecido.
 Não existe destruição do desaparecido.
 Não existe destruição do não desaparecido.

8. Quando não existem entidades,
 Não existe vir a ser ou destruição.
 Sem vir a ser ou destruição
 Não existem entidades existentes.

9. Não é sustentável que o vazio
 Venha a ser ou seja destruído.

Não é sustentável para o não vazio
Vir a ser ou ser destruído.

10. Não é sustentável
Que a destruição e o vir a ser sejam idênticos.
Não é sustentável
Que a destruição e o vir a ser sejam diferentes.

11. Se você acha que você vê
A destruição e o vir a ser,
Então você constata a destruição e o vir a ser
Através da visão prejudicada.

12. Uma entidade não surge de uma entidade.
Uma entidade não surge de uma não entidade.
Uma não entidade não surge de uma não entidade.
Uma não entidade não surge de uma entidade.

13. Uma entidade não surge de si mesma.
Não surge de uma outra.
Não surge nem de si mesma nem de outra.
Como pode ter surgido?

14. Se a pessoa aceita a existência de entidades,
A permanência e o ponto de vista da não existência completa seguem.
Pois estas entidades
Devem ser tanto permanentes quanto impermanentes.

15. Se a pessoa aceita a existência de entidades
A não existência e a permanência não se seguem.
A existência cíclica é o contínuo
Vir a ser e destruição de causas e efeitos.

16. Se a existência cíclica é o contínuo
Vir a ser e destruição de causas e efeitos,
Então do não surgimento do destruído
Segue-se a não existência da causa.

17. Se entidades existem com ser entidade,
Então suas não existências não fariam sentido.
Mas no momento do nirvana,
A existência cíclica cessa completamente, tendo sido pacificada.

18. Se o final cessou
A existência de um primeiro não faz sentido.
Se o final não cessou,
A existência de um primeiro não faz sentido.

19. Se quando o final estava cessando,
Então o primeiro estava surgindo,
Aquele cessando seria um.
Aquele surgindo seria um outro.

20. Se, absurdamente, aquele surgindo
E aquele cessando fossem o mesmo,
Então quem estivesse morrendo com os agregados
Também está surgindo.

21. Já a série da existência cíclica não está evidente
Nos três tempos,
Se não estiver nos três tempos,
Como poderia haver uma série de existência cíclica?

Capítulo XXII

Exame do Tathagata

1. Nem os agregados, nem diferente dos agregados,
Os agregados não estão nele, nem ele está nos agregados.
O Tathagata não possui os agregados,
O que é o Tathagata?

2. Se o Buda dependesse dos agregados,
Ele não existiria através de uma essência.
Nem existindo através de uma essência,
Como poderia ele existir através da essência alheia?

3. O que quer que seja dependente de uma outra entidade,
Seu *self* não é apropriado.
Não é sustentável que aquilo a que falte um *self*
Possa ser um Tathagata.

4. Se não há essência,
Como pode haver essência alheia?
Sem possuir essência ou essência alheia,
O que é o Tathagata?

5. Se sem depender dos agregados
Houvesse um Tathagata,
Então agora ele estaria dependendo deles.
Portanto ele existiria através da dependência.

6. Enquanto não há um Tathagata
Dependente dos agregados,
Como poderia algo que não é dependente
Vir a ser assim?

7. Não existe apropriação.
Não existe apropriador.
Sem apropriação
Como poderia haver um Tathagata?

8. Tendo sido buscado das cinco maneiras,
O que, não sendo nem idêntico nem diferente,
Pode ser pensado ser o Tathagata
Sem agarrar algo?

9. Qualquer agarrar que haja
Não existe através da essência.

E quando algo não existe através de si mesmo,
Não pode nunca existir através da essência alheia.

10. Assim agarrar e agarrador
Juntos são vazios em todos os respeitos.
Como pode um Tathagata vazio
Ser conhecido através do vazio?

11. “Vazio” não deve ser afirmado.
“Não vazio não deve ser afirmado.
Nem ambos nem nenhum devem ser afirmados.
Eles são apenas usados nominalmente.

12. Como podem as quatro proposições de permanente e impermanente, etc. ,
Serem verdadeiras dos pacíficos?
Como podem as quatro proposições de finito, infinito, etc. ,
Serem verdadeiros dos pacíficos?

13. Aquele que toma o ponto de vista que o Tathagata existe,
Tendo agarrado o Buda,
Constrói fabricações conceituais
Acerca daquele que atingiu o nirvana.

14. Já que ele é por natureza vazio,
O pensamento que o Buda
Existe ou não
Após o nirvana não é apropriado.

15. Aqueles que desenvolvem fabricações mentais quanto ao Buda,
Que foi além de todas as fabricações,
Como consequência destas fabricações cognitivas
Deixam de ver o Tathagata.

16. O que quer que seja a essência do Tathagata,
Isto é a essência do mundo.
O Tathagata não tem essência.
O mundo não tem essência.

Capítulo XXIII

Exame dos Erros

1. O desejo, o ódio e a confusão todos
Surgem do pensamento, dizem.
Todos dependem
Do agradável, do desagradável e dos erros.

2. Já que tudo que depende do agradável e do desagradável
Não existe através de uma essência,
As conspirações
Não existem na verdade.

3. A existência ou não do *self*
Não foi estabelecida de forma alguma.
Sem isto, como poderia a existência ou não
Das conspirações ser estabelecida?

4. As conspirações pertencem a alguém.
Mas este ainda não foi estabelecido.
Sem este possuidor
As conspirações são de ninguém.

5. Observe as conspirações como você observa você mesmo:
Não são conspirados das cinco formas.
Observe o conspirado como você vê a si mesmo:
Não está nas conspirações das cinco formas.

6. O agradável, o desagradável, e os erros
Não existem através de uma essência.
De que agradável, desagradável, e erros
Poderiam as conspirações depender?

7. A forma, o som, o gosto e o tato,
Olfato e conceito das coisas: Estes seis
São pensados como sendo a fundação do
Desejo, ódio, e confusão.

8. A forma, o som, o gosto e o tato,
Olfato e conceito das coisas: Estes seis
Devem ser visto como somente uma cidade de Gandharvas e
Como uma miragem ou um sonho.

9. Como podem o
Agradável e o desagradável surgirem

Naqueles que são como uma pessoa ilusória
E como um reflexo?

10. Dizemos que o desagradável
Depende do agradável,
Já que sem depender do agradável não existe nenhum.
Segue-se que o agradável não é sustentável.

11. Dizemos que o agradável
Depende do desagradável,
Sem o desagradável não existe nenhum.
Segue-se que o desagradável não é sustentável.

12. Onde não existe o agradável,
Como pode haver o desejo?
Onde não existe o desagradável,
Como pode haver zanga?

13. Se agarrar o ponto de vista
“O impermanente é o permanente” fosse um erro,
Já que no vazio nada existe que é permanente,
Como poderia este agarrar ser um erro?

14. Se agarrar o ponto de vista
“O impermanente é permanente” fosse um erro,
Por que não é o ponto de vista
“No vazio nada há de impermanente” um erro?

15. Aquilo por meio do qual há o agarrar, e o agarrar,
E quem agarra, e tudo que é agarrado:
Todos estão sendo soltos.
Segue-se que não existe agarrar.

16. Se não há agarrar,
Quer errado ou de outra forma,
Quem estará em erro?
Quem não terá erro?

17. O erro não se desenvolve
Naquele que está em erro.
O erro não se desenvolve
Naquele que não está em erro.

18. O erro não se desenvolve
Naquele em quem o erro está surgindo.
Em quem o erro se desenvolve?
Examine isto por você mesmo!

19. Se o erro não se desenvolve,
Como poderia ter existido?
Se o erro não se desenvolve,
Como pode a pessoa estar em erro?

20. Já que uma entidade não surge de si mesmo,
Nem de outra,
Nem de outra e de si mesma,
Como pode a pessoa estar em erro?

21. Se o *self* e o puro,
E o permanente e o alegre existisse,
O *self*, o puro, o permanente,
E o alegre não seriam enganosos.

22. Se o *self* e o puro,
E o permanente e o alegre não existissem,
O não *self*, o impuro, o permanente,
E o sofredor não existiriam.

23. Assim, através da cessação do erro
A ignorância cessa.
Quando a ignorância cessa
Os fenômenos compostos, etc. , cessam.

24. Se as conspirações de alguém
Existissem através de sua essência,
Como poderiam ser abandonados?
Quem poderia abandonar o existente?

25. Se as conspirações de alguém
Não existissem através de sua essência,
Como poderiam ser abandonados?
Quem poderia abandonar o não existente?

Capítulo XXIV

Exame das Quatro Nobres Verdades

1. Se tudo isto é vazio,
Nem o surgimento nem o cessar,
Então para você, segue-se que
As Quatro Nobres Verdades não existem.

2. Se as Quatro Nobres Verdades não existem,
Então o conhecimento, o abandono,
A meditação e a manifestação
Seriam por completo impossíveis.

3. Se estas coisas não existem,
Os quatro frutos não surgem.
Sem os quatro frutos, não haverá aqueles que obtém os frutos.
Nem haverão os fiéis.

4. Assim sendo, a comunidade espiritual não existirá.
Nem os oito tipos de pessoas.
Se as Quatro Nobres Verdades não existem,
Não haverá o verdadeiro Dharma.

5. Se não existe doutrina nem comunidade espiritual,
Como poderia haver um Buda?
Se o vazio for assim concebido,
As três jóias são contraditas.

6. Assim você afirma que não existem frutos verdadeiros.
E nenhum Dharma. O Dharma mesmo
E a verdade convencional
Serão contraditas.

7. Dizemos que esta sua compreensão
Do vazio e do propósito do vazio
E do significado do vazio está incorreto.
E como consequência você é prejudicado por ela.

8. O ensinamento do Buda do Dharma
Está baseado em duas verdades:
Uma verdade de convenção mundana
E uma verdade última.

9. Aqueles que não compreendem
A distinção feita entre estas duas verdades

Não compreendem
A verdade profunda do Buda.

10. Sem um fundamento de verdade convencional,
O significado último não pode ser ensinado.
Sem uma compreensão do significado do último,
A liberação não é atingida.

11. Por uma percepção errônea do vazio
Uma pessoa de parca inteligência é destruída.
Como uma cobra incorretamente pegada
Ou como um encantamento incorretamente feito.

12. Por esta razão—que o Dharma é
Profundo e difícil de compreender e aprender—
A mente do Buda ficou desesperada de
Ser capaz de o ensinar.

13. Você apresentou refutações falaciosas
Que não são relevantes para o vazio.
Sua confusão sobre o vazio
Não pertence a mim.

14. Para aquele para quem o vazio está claro,
Tudo se torna claro.
Para aquele para quem o vazio não está claro,
Nada está claro.

15. Quando você insere em nós
Todos seus erros
Você é como aquele que montou seu cavalo
E esqueceu daquele próprio cavalo.

16. Se você perceber a existência de todas as coisas
Em termos de suas essências,
Então esta percepção de todas as coisas
Será sem a percepção das causas e condições.

17. Causas e efeitos
E agente e ação
E condições que surgem e cessam
E efeitos serão tornados impossíveis.

18. Tudo que é dependentemente co-originado
É explicado pelo vazio.
Isto, sendo uma designação dependente,
É em si mesmo o caminho do meio.

19. Algo que não surge dependentemente,
Uma tal coisa não existe.
Portanto uma coisa que não é vazia
Não existe.

20. Se tudo isto fosse não vazio, como você acha,
Não haveria surgir e cessar.
Então as Quatro Nobres Verdades
Se tornariam inexistentes.

21. Se não é dependentemente surgido,
Como poderia o sofrimento aparecer?
O sofrimento foi ensinado como sendo impermanente,
E então não pode vir de sua própria essência.

22. Se algo vem de sua própria essência,
Como poderia ter jamais surgido?
Segue-se que para aquele que nega o vazio
Não pode haver o surgimento (do sofrimento).

23. Se o sofrimento tivesse uma essência,
Sua cessação não existiria.
Assim se uma essência for afirmada,
A pessoa nega a cessação.

24. Se o caminho tivesse uma essência,
Sua cessação não existiria.
Assim se uma essência for colocada,
A pessoa nega a cessação.

25. Se o sofrimento, o surgir, e
O cessar são não existentes,
Por que caminho poderia a pessoa buscar
Obter a cessação do sofrimento?

26. Se a não compreensão chega a ser
Através de sua essência,
Como poderia a compreensão surgir?
Não é a essência estável?

27. Da mesma forma, as atividades de
Soltar, realizar, e meditar
E os quatro frutos
Não seriam possíveis.

28. Para um essencialista,
Já que os frutos através de suas essências
São já não realizados,

De que forma eles os obteriam?

29. Sem os frutos, não existe quem atinge os frutos,
Ou quem entra. Disto se segue que
Os oito tipos de pessoas não existem.
Se estes não existem, não existe comunidade espiritual.

30. Da não existência das Nobres Verdades
Se seguiria a não existência da verdadeira doutrina.
Se não há doutrina nem comunidade espiritual,
Como poderia o Buda surgir?

31. Para você, se seguiria que o Buda
Surge independentemente da iluminação.
E para você, a iluminação surgiria
Independentemente do Buda.

32. Para você, cuja essência
Não é iluminada,
Mesmo praticando o caminho para a iluminação
Não poderia alcançar a iluminação.

33. Além disto, a pessoa nunca poderia realizar
Ações certas ou erradas.
Se tudo isto fosse não vazio o que se poderia fazer?
Aquilo com uma essência não pode ser produzido.

34. Para você, de ações nem certas nem erradas
O fruto surgiria.
Se o fruto surgisse de ações certas ou erradas,
De acordo com você, não existiria.

35. Se, para você, um fruto surgisse
De ações certas ou erradas,
Então, tendo surgido de ações certas ou erradas,
Como poderia este fruto ser não vazio?

36. Se o surgimento dependente for negado,
O vazio ele mesmo é negado.
Isto contradiria
Todas as convenções mundanas.

37. Se o vazio mesmo for negado,
Nenhuma ação seria apropriada.
Haveriam ações que não teriam começo,
E haveria agente sem ação.

38. Se existe uma essência, todo o mundo

Será não surgido, não cessado,
E estático. Todo o mundo fenomenal
Seria imutável.

39. Se (o mundo) não fosse vazio,
Então a ação seria sem lucro.
O ato de deter o sofrimento e
Abandonar a miséria e a conspurcação não existiria.

40. Quem quer que veja o surgimento dependente
Também vê o sofrimento
E seu surgimento
E sua cessação bem como o caminho.

Capítulo XXV

Exame do Nirvana

1. Se tudo é vazio,
Não existe então surgimento ou fencimento.
Abandonando ou cessando o quê
A pessoa quereria que o nirvana surgisse?
2. Se tudo é não vazio,
Então existe surgimento ou fencimento.
Abandonando ou cessando o quê
A pessoa quereria que o nirvana surgisse?
3. Não abandonado, não atingido,
Não aniquilado, não permanente,
Não surgido, não cessado:
É assim que é descrito o nirvana.
4. O nirvana é não existente.
Teria então as características do envelhecimento e morte.
Não existe nenhuma entidade
Sem envelhecimento e morte.
5. Se o nirvana fosse existente,
Seria composto.
Um existente não composto
Não existe em lugar nenhum.
6. Se o nirvana fosse existente,
Como poderia o nirvana ser não dependente?
Um existente não dependente
Não existe em parte alguma.
7. Se o nirvana fosse não existente,
Como seria apropriado que fosse não existente?
Onde o nirvana é não existente,
Não pode ser um não existente.
8. Se o nirvana fosse não existente,
Como poderia o nirvana ser não dependente?
Tudo que é não dependente
É não existente.
9. Aquilo que vem e que vai
É dependente e muda.

Aquilo, quando não é dependente e mutável,
É ensinado ser o nirvana.

10. O professor falou de abandonar
O vir a ser e a dissolução.
Portanto, faz sentido que
O nirvana não é nem existente nem não existente.

11. Se o nirvana fosse tanto
Existente quanto não existente,
Passar além seria, impossivelmente,
Ser tanto existente quanto não existente.

12. Se o nirvana fosse
Existente e não existente,
O nirvana não seria não dependente.
Já que dependeria em ambos.

13. Como poderia o nirvana
Ser tanto existente quanto não existente?
O nirvana é não composto.
Tanto existentes quanto não existentes são compostos.

14. Como poderia o nirvana
Ser tanto existente quanto não existente?
Estes dois não podem tomar lugar no mesmo lugar.
Como a luz e a escuridão.

15. O nirvana é dito ser
Nem existente nem não existente.
Se o existente e o não existente fossem estabelecidos,
Isto seria estabelecido.

16. Se o nirvana é
Nem existente nem não existente,
Então por quem é ele exposto
“Nem existente nem não existente?”

17. Tendo passado para o nirvana, o Conquistador Vitorioso
É dito não ser nem existente
Nem dito ser não existente.
Nem ambos nem um dos dois é dito ser assim.

18. Assim, quando o vitorioso queda-se ali, ele
Não é nem dito ser existente
Nem não existente.
Nem ambos nem um dos dois é dito ser assim.

19. Não existe a menor diferença
Entre a existência cíclica e o nirvana.
Não existe a menor diferença
Entre o nirvana e a existência cíclica.
20. Qual que seja o limite do nirvana,
Este é o limite da existência cíclica.
Não existe sequer a menor diferença entre eles,
Ou mesmo a coisa mais sutil.
21. Pontos de vista que após a cessação há um limite, etc.,
E que é permanente, etc.,
Dependem do nirvana, o limite final,
E do limite anterior.
22. Já que tudo que existe é vazio,
O que é finito ou infinito?
O que é finito e infinito?
O que é nem finito nem infinito?
23. O que é idêntico e o que é diferente?
O que é permanente e o que é impermanente?
O que é tanto permanente quanto impermanente?
O que é não é nenhum dos dois?
24. A pacificação de toda objetificação
E a pacificação da ilusão:
Nenhum Dharma foi ensinado pelo Buda
Em qualquer tempo, em qualquer lugar, para nenhuma pessoa.

Capítulo XXVI

Exame dos Doze Elos

1. Enrolado na escuridão da ignorância,
A pessoa faz os três tipos de ações
Que como disposições impelem a pessoa
A continuar em existências futuras.

2. Tendo disposições como condições,
A consciência entra na transmigração.
Uma vez que a consciência tenha entrado na transmigração,
O nome e forma chegam a ser.

3. Uma vez que o nome e forma venham a ser,
As seis esferas dos sentidos chegam a ser.
Dependendo das seis esferas dos sentidos,
O contato chega a ser.

4. Isto depende apenas
Do olho e da forma e da apreensão.
Assim, dependendo do nome e forma,
E que produzem a consciência—

5. Aquilo que é ajuntado dos três—
O olho e a forma e a consciência,
É o contato. Do contato
O sentimento chega a ser.

6. Condicionado pelo sentimento está o desejo.
O desejo surge por causa do sentimento.
Quando aparece, há o agarrar,
As quatro esferas do agarrar.

7. Quando existe o agarrar, o agarrador
Entra em existência.
Se ele não tivesse agarrado,
Então estando livre, ele não teria entrado em existência.

8. Esta existência é também os cinco agregados.
Da existência provém o nascimento,
A velhice e a morte e a miséria e
O sofrimento e a tristeza e...

9. A confusão e a agitação.
Todos estes surgem como conseqüência do nascimento.

Assim esta massa inteira de sofrimento
Entra em existência.

10. A raiz da existência cíclica é a ação.
Portanto, o sábio não age.
Portanto, o não sábio é o agente.
O sábio não é por causa de sua penetração.

11. Com a cessação da ignorância
A ação não surgirá
A cessação da ignorância ocorre através
Da meditação e da sabedoria.

12. Através da cessação disto e daquilo
Isto e aquilo não se manifestarão.
Toda a massa de sofrimento
De fato com isto cessa completamente.

Capítulo XXVII

Exame dos Pontos de Vista

1. Os pontos de vista “no passado eu era” ou “eu não era”
E o ponto de vista que o mundo é permanente, etc.,
Todos estes pontos de vista
Dependem de um limite anterior.

2. O ponto de vista “no futuro me tornarei um outro” ou “não me tornarei”
E que o mundo é limitado, etc.,
Todos estes pontos de vista
Dependem de um limite final.

3. Dizer “eu era no passado”
Não é sustentável.
O que existia no passado
Não é idêntico a este de agora.

4. De acordo como você, este *self* é aquele,
Mas o apropriador é diferente.
Se não é o apropriador,
O que é o seu *self*?

5. Tendo demonstrado que não existe *self*
Outro que o apropriador,
O apropriador deveria ser o *self*.
Mas não é o seu *self*.

6. Se apropriar não é o *self*.
Surge e cessa.
Como se pode aceitar que
O apropriar futuro é o apropriador?

7. Um *self* que é diferente
Do que apropria não é sustentável.
Se fosse diferente, então em não apropriador
Deveria haver apropriação. Mas não há.

8. Então não é nem diferente de apropriação
Nem idêntico com a apropriação.
Não existe um *self* sem apropriação.
Mas não é verdade que não exista.

9. Dizer “no passado eu não era”
Não seria sustentável.

Esta pessoa não é diferente
De quem quer que tenha existido em tempos anteriores.

10. Se este fosse diferente,
Então se aquele não existisse, eu ainda assim existiria.
Se isto fosse assim,
Sem morte, a pessoa nasceria.

11. A aniquilação e a exaustão da ação se seguiria;
Ações de agentes diferentes
Seriam experimentadas por cada qual.
Isto e outras parecidas aconteceriam.

12. Nada veio à existência de algo que não tivesse existido.
Disto erros surgiriam.
O *self* seria produzido
Ou, existindo, seria sem uma causa.

13. Então, os pontos de vista “eu existia,” “eu não existia,”
Ambos ou qualquer um deles
No passado
Não são sustentáveis.

14. Dizer “no futuro eu existirei ou
Não existirei,”
Tal ponto de vista é como
Aqueles envolvendo o passado.

15. Se um humano fosse um deus,
Com tal ponto de vista haveria a permanência.
O deus seria não nascido.
Porque qualquer coisa permanente é não nascida.

16. Se um humano fosse diferente de um deus,
Com tal ponto de vista haveria a impermanência.
Se o humano fosse diferente de deus,
Um contínuo não seria sustentável.

17. Se uma parte fosse divina e
Uma parte fosse humana,
Seria permanente e impermanente.
Isto seria irracional.

18. Se pudesse ser estabelecido que
É tanto permanente quanto impermanente,
Então poderia ser estabelecido que
Não é nem permanente nem impermanente.

19. Se alguém tivesse vindo de qualquer lugar
E então fosse a algum lugar,
Se seguiria que a existência cíclica seria sem começo.
Não é o caso.

20. Se nada é permanente,
O que será impermanente?
Permanente ou impermanente,
Ou nenhum dos dois?

21. Se o mundo fosse limitado,
Como poderia haver um outro mundo?
Se o mundo fosse ilimitado,
Como poderia haver um outro mundo?

22. Já que o contínuo de agregados
É como a chama da lâmpada,
Segue-se que nem sua finitude
Nem sua infinitude fazem sentido.

23. Se o anterior estivesse desintegrando
E estes agregados, que dependem
Daqueles agregados, não surgissem,
Então o mundo seria finito.

24. Se o anterior não estivesse desintegrando
E estes agregados, que dependem
Daqueles agregados, não surgissem,
Então o mundo seria infinito.

25. Se uma parte fosse finita e
A outra infinita,
Então o mundo seria finito e infinito.
Isto não faz sentido.

26. Como pode a pessoa achar que
Uma parte do apropriador é destruída
E outra não é destruída?
Esta posição não faz sentido.

27. Como pode a pessoa achar que
Uma parte da apropriação é destruída
E uma parte não é destruída?
Esta posição não faz sentido.

28. Se pudesse ser estabelecido que
É tanto finito quanto infinito
Então poderia ser estabelecido que

Não é nem finito nem infinito.

29. Assim, porque todas as entidades são vazias,
Que pontos de vista de permanência, etc., ocorreriam,
E para quem, quando, por que, e sobre o que
Ocorreriam?

30. Eu me prostro ante a Gautama
Que através da compaixão
Ensinou a verdadeira doutrina,
Que leva ao abandono de todos os pontos de vista.

SUNYATASAPTATI

de

Nagarjuna

Setenta Versos sobre a Sunyata

1. Apesar dos Budas terem falado da duração, originação, destruição, ser, não ser, baixo, moderado e excelente por força de convenção mundana, eles não o fizeram num sentido absoluto.
2. Designações são sem significado, pois self, não self, e self-não self não existem. Pois como o nirvana, todas as coisas expressáveis são vazias de ser próprio.
3. Já que todas coisas não tem absolutamente substância—quer seja em causas e condições, em suas totalidades, ou separadamente—são vazias.
4. O ser não surge, já que ele existe. O não ser não surge, já que não existe. O ser e o não ser juntos não surgem, devido às suas heterogeneidades. Conseqüentemente eles não permanecem ou desaparecem.
5. Aquilo que nasceu não pode nascer, nem pode aquele que não nasceu nascer. O que está nascendo agora, estando parcialmente nascido, parcialmente não nascido, tampouco pode nascer.
6. Uma causa tem um efeito quando existe um efeito, mas quando não existe efeito a causa equivale a uma não causa. É inconsistente que o efeito nem exista nem não exista. É ilógico que a causa seja ativa nos três tempos.
7. Sem o uno não existe os muitos. Sem os muitos, o uno não é possível. Tudo que surge dependentemente é indeterminado.
8. Os doze membros que surgem dependentemente, que resultam no sofrimento, são não nascidos. Não são possíveis nem em uma mente nem em muitas.
9. A permanência não existe, a impermanência não existe, não self não existe, o self não existe, o impuro não existe, o puro não existe, o prazer não existe, o sofrimento não existe. Portanto pontos de vista pervertidos não existem.
10. Sem estes, a ignorância baseada nos quatro pontos de vista malignos não é possível. Sem esta ignorância, as forças formativas não surgem. O mesmo vale para os dez membros que surgem dependentemente remanescentes.
11. A ignorância não ocorrem sem as forças formativas e sem ela as forças formativas não surgem. Uma é causada pela outra, não se acham estabelecidas em ser próprio.
12. Como pode aquilo que não está estabelecido por ser próprio criar outros? Condições estabelecidas por outros não podem criar outros.
13. Um pai não é um filho, um filho não é um pai. Nenhum existe exceto numa correlação um com o outro. Nem são simultâneos. O mesmo vale para os doze membros.

14. Assim como o prazer e a dor num sonho que dependem de um objeto não têm um objeto verdadeiro, assim também nem aquilo que surge dependentemente nem aquilo que surge em dependência existe.

15. *Oponente*: Se as coisas não existem com seus seres próprios, então o baixo, o moderado e o excelente e o mundo múltiplo não estão estabelecidos, mesmo que seja através de uma causa.

16. *Resposta*: Se o ser próprio estivesse estabelecido, o surgimento dependente das coisas não ocorreria. Se fossem não condicionadas, como poderia o ser próprio estar faltando? O Ser Verdadeiro tampouco desaparece.

17. Como podem os não existentes terem ser próprio, ser de outros, ou não ser? Conseqüentemente, ser próprio, ser de outro, e não ser resultam de pontos de vista perversos.

18. *Oponente*: Se as coisas fossem vazias, a originação e a cessação não ocorreria. Aquilo que está vazio de ser próprio: Como pode surgir e como pode cessar?

19. *Resposta*: O ser e o não ser não são simultâneos. Sem não ser não há ser. O ser e o não ser seriam sempre. Não existe ser independente de não ser.

20. Sem ser não existe não ser. O ser nem surge de si mesmo nem de algo mais. Isto sendo assim, este ser não existe: Assim não existe nenhum ser e portanto nenhum não ser.

21. Se houver o ser existe a permanência; se houver o não ser existe necessariamente a aniquilação. Quando há o ser, estes dois dogmas ocorrem. Portanto, não se deve aceitar o ser.

22. *Oponente*: Estes dogmas não ocorrem devido à continuidade: As coisas cessam após terem causado um efeito. *Resposta*: Como anteriormente (vide. 19), esta continuidade não está estabelecida. Também se segue que a continuidade seria interrompida.

23. *Oponente*: Não! O ensinamento do Buda do caminho objetiva demonstrar a originação e a cessação, não sunyata! *Resposta*: Experimentar os dois como mutuamente exclusivos é um erro.

24. *Oponente*: Se não existe a originação e a cessação, então à cessação do que é o nirvana devido? *Resposta*: Não é a liberação o seguinte: que por natureza nada surja e cesse?

25. Se o nirvana resultasse da cessação, então haveria destruição. Se o contrário ocorresse, haveria a permanência. Portanto não é ilógico que o nirvana seja o ser ou o não ser.

26. Se definitivamente houvesse uma cessação, seria independente do ser. Não existe sem o ser, nem existe sem o não o ser.

27. O marcado é estabelecido através da marca que é diferente do marcado; não é marcado por si mesmo. Nem são os dois estabelecidos um pelo outro, já que o que não está estabelecido não pode estabelecer o não estabelecido.

28. Desta forma, causa, efeito, sentimento, aquele que sente, e assim por diante, o visível e aquele que vê, e assim por diante—tudo que possa ser—são todos explicados, sem excessão.

29. Os três tempos não existem substancialmente já que não são fixos e são mutuamente estabelecidos, já que eles mudam e não estão auto estabelecidos, e já que não existe ser. São meramente discriminações.

30. Já que as três marcas do condicionado—originação, duração, e cessação—não existem, não existe o menor fenômeno condicionado ou incondicionado.

31. O não destruído não cessa, nem o destruído. O que permanece não permanece, nem o que não permanece. O nascido não é nascido, nem o não nascido.

32. O composto e o não composto não são muitos e não são um; não são ser e não são não ser; não são ser e não ser. Todas as possibilidades estão compreendidas nestes limites.

33. *Oponente:* O Bhagavat, o Professor, falou da duração do karma, do resultado do karma, e também do karma pessoal dos seres vivos e da não destruição do karma.

34. *Resposta:* O karma é dito não ter auto ser. O karma não é nascido e não é destruído. Disto novamente o fazer o eu é nascido. Mas a crença que o cria é devida à discriminação.

35. Se o karma tivesse auto ser o corpo criado por ele seria permanente. Assim o karma não resultaria em sofrimento e seria portanto substancial.

36. O karma não nasce de condições e de maneira nenhuma de não condições, pois as formações do karma são como uma ilusão, uma cidade de gandharvas, e uma miragem.

37. O karma tem os klesas como sua causa. Sendo klesas, as formações do karma são de natureza apaixonada (klesatmaka). Um corpo tem o karma como sua causa. Assim todos os três são vazios de auto ser.

38. Sem karma, nenhum agente. Sem estes dois, nenhum resultado. Sem estes, não há aquele que goza. Portanto, as coisas são vazias.

39. Quando—porque a verdade é vista—a pessoa corretamente compreende que o karma é vazio, o karma não surge. Quando o karma não mais existe, o que surge do karma não surge mais.

40. Assim como quando o Senhor Tathagata magicamente projeta uma aparição e esta aparição novamente projeta uma outra aparição—

41. Neste caso a aparição do Tathagata é vazia (para não dizer nada da aparição criada pela aparição!). Ambos são apenas nomes, meramente discriminações insignificantes.

42. Assim também, o agente é como a aparição, e o karma é como a aparição criada pela aparição. Por natureza eles são sem significado: meras discriminações.
43. Se o karma tivesse auto ser, não haveria o nirvana nem as ações de um agente. Se o karma não existe, os resultados agradáveis e desagradáveis criados pelo karma não existem.
44. ‘É’ e ‘não é’ e também ‘é-não é’ foram afirmados pelo Buda por um propósito. Não é fácil de compreender.
45. Se a forma é material (bhautika) em si mesma, não surge dos elementos (bhuta). Não é derivada de si mesma—Não existe, não é?—nem de nada mais. Portanto não existe absolutamente.
46. Os quatro grande elementos não são achados em um elemento, nem um deles é encontrado em quaisquer dos quatro. Como pode a forma ser estabelecida com os quatro grande elementos como sua causa?
47. Já que não é concebida diretamente, parece que a forma não existe. Mas se você sustentar que pode ser concebida através de uma marca, aquela marca, nascida de causas e condições, não existe. E seria ilógico se a forma pudesse existir sem uma marca.
48. Se a mente pudesse apreender a forma, poderia apreender seu próprio ser. Como poderia uma mente que não existe, já que nasceu de condições, realmente conceber a ausência de forma?
49. Já que um momento da mente não dentro do mesmo momento apreender uma nascida como foi explicado, como poderia apreender uma forma passada ou futura?
50. Já que a cor e a forma nunca existem separadamente, não podem ser concebidas separadamente. Não é a forma reconhecida como sendo una?
51. O sentido da visão não está dentro do olho, nem dentro da forma, e não entre os dois. Portanto uma imagem que dependa da forma e do olho é falsa.
52. Se o olho não vê a si mesmo, como poderia ver a forma? Portanto olho e forma são sem self. O mesmo é válido para os campos dos sentidos restantes.
53. O olho é vazio de seu próprio ser e do ser de um outro. A forma também é vazia. O mesmo é válido para os campos dos sentidos restantes.
54. Quando um campo do sentido ocorre simultaneamente com o contato, os outros são vazios. Vazio não depende de não vazio, nem não vazio depende de vazio.
55. Não tendo uma natureza fixa independente, os três, a saber, indriya, visaya, e vijnana não podem entrar em contato. Já que não existe contato tendo esta natureza, o sentimento não existe.

56. A consciência ocorre dependendo dos campos dos sentidos internos e externos. Portanto consciência é vazia, como miragens e ilusões.

57. Já que a consciência surge dependendo de um objeto discernível, o discernível não existe em si mesmo. Já que o sujeito da consciência não existe sem o discernível e a consciência, o sujeito consciente não existe por si mesmo.

58. Num sentido relativo tudo é impermanente, mas num sentido absoluto nada é permanente ou impermanente. Se houvessem coisas, elas seriam ou permanentes ou impermanentes. Mas como seria isto possível?

59. Já que as entidades ‘desejo’, ‘ódio’, e ‘ilusão’ surgem através de pontos de vista pervertidos sobre o agradável e o desagradável, o desejo, ódio, e ilusão não existem por auto ser.

60. Já que a pessoa pode desejar, odiar e estar iludido quanto à mesma coisa, as paixões são criadas pela discriminação. E aquela discriminação não é verdadeira.

61. Aquilo que é imaginado não existe. Sem um objeto imaginado, como pode haver imaginação? Já que o imaginado e a imaginação nascem de condições, são sunyata.

62. Através da compreensão da verdade, a ignorância, que surge dos quatro pontos de vista pervertidos, não existe. Quando isto não mais ocorre, as formações de karma não surgem. O mesmo vale para os dez membros remanescentes.

63. Aquilo que surge dependendo disto ou daquilo não surge quando aquilo está ausente. Ser e não ser, composto e não composto estão em paz—isto é o nirvana.

64. Imaginar que as coisas nascidas de causas e condições sejam verdadeiras o Professor chama ignorância. Disto os doze membros surgem.

65. Mas quando a pessoa compreendeu vendo plenamente que as coisas são vazias, a pessoa não mais fica iludida. A ignorância cessa, e as doze traves da roda se detém.

66. As formações de karma são como a cidade de gandharvas, ilusões, miragens, redes de cabelo, espumas, bolhas, fantasmas, sonhos, e rodas feitas com madeiras queimadas.

67. Nada existe em virtude do auto ser, nem existe aqui qualquer não ser. Ser e não ser, nascidos através de causas e condições, são vazias.

68. Já que todas as coisas são vazias de auto ser, o Tathagata incomparável ensina a co-originação dependente quanto às coisas.

69. O significado último depende disto! Os Budas perfeitos, os Bhagavats, conceberam da multiplicidade inteira apenas se baseando na convenção mundana.

70. As normas mundanas (dharmas) não são violadas. Na realidade o Tathagata não ensinou o Dharma. Não compreendendo as palavras do Tathagata, tolos temem este discurso impecável.

71. O princípio mundano, “Isto surge em dependência daquilo,” não é violado. Mas já que o que é dependente não tem um auto ser, como pode existir? Isto é certo!

72. Aquele que tem fé para buscar a verdade, aquele que considera este princípio logicamente e se baseia no Dharma o qual não tem sustentação deixa a existência e a não existência para trás e fica em paz.

73. Quando a pessoa compreende que “Isto é o resultado daquilo,” as redes dos pontos de vista distorcidos desaparecem. Sem máculas, a pessoa abandona o desejo, a ilusão e o ódio e ganha o nirvana.

VYAVAHARASIDDHI
de
Nagarjuna

Estabelecimento de Convenção
Seis Versos de Um Texto Perdido

1. Uma sílaba não é um mantra; muitas sílabas não são um mantra tampouco. Dependente de sílabas que são desta forma insubstanciais, este mantra não é nem existente nem não existente.
2. De forma semelhante, nenhum remédio aparece fora de seus ingredientes específicos. Aparece como um elefante ilusório: Não é idêntico com eles nem é absolutamente diferente deles.
3. Surge em co-originação dependente! Quem poderia manter que seja existente ou não existente? De forma semelhante, a consciência visual surge baseada no olho e na forma.
4. Projetado pelo poder do karma e das paixões, o apropriador surge fora da existência. Assim também surge a forma. Quem poderia manter sua existência ou não existência?
5. Similarmente, todos os doze membros da existência são simplesmente designações convencionais. Todos os dharmas, tais como extinção, foram apenas advogados pelos Budas para uma razão específica.
6. Assim como um mantra não é um mantra e o remédio não é um remédio, assim todos os fenômenos são ditos serem dependentes. Nenhum dos dois (i.e., causa e efeito) podem ser estabelecidos como existindo independentemente.

YUKTISASTIKA

de

Nagarjuna

Sessenta Versos de Argumentos

Obediência ao Buda, o Munindra, que proclamou a co-originação dependente, o princípio pelo qual a originação e a destruição são eliminados!

1. Aqueles cuja inteligência transcendeu ser e não ser e não está sustentada descobriram o significado profundo e não objetivo de ‘condição’.
2. Em primeiro lugar é necessário se rejeitar o não ser, a fonte de todos os erros. Mas ouçam agora o argumento através do qual também o ser deve também ser rejeitado.
3. Se as coisas fossem ‘verdadeiras’ como imaginam os tolos, por que não aceitar a liberação como sinônimo de não ser?
4. A pessoa não é liberada pelo ser; a pessoa não transcende a presente existência através do não ser. Mas pelo perfeito conhecimento do ser e não ser o magnânimo é liberado.
5. Aqueles que não vêem a realidade acreditam no samsara e no nirvana, mas aqueles que vêem a realidade não acreditam nem num nem noutro.
6. Existência e nirvana: Estes dois não podem na verdade serem encontrados. Ao invés, o nirvana pode ser definido como sendo o perfeito conhecimento da existência.
7. Enquanto que os ignorantes imaginam que a aniquilação pertence a uma coisa criada que é dissolvida, os sábios estão convencidos que a aniquilação de algo criado é uma ilusão.
8. Apesar de algo ser aparentemente aniquilado por ser destruído, não é destruído quando a pessoa perfeitamente compreende que é composto. Para quem isto será evidente? Como se pode falar disto como estando dissolvido?
9. *Oponente:* Se os skandhas não são aniquilados um Arhat não entra no nirvana, apesar de seus klesas estarem exaustos. Apenas quando os skandhas foram aniquilados está ele liberado.
10. *Resposta:* Quando a pessoa constata com conhecimento correto aquilo que surge condicionado pela ignorância, nenhuma originação ou destruição que seja é percebida.
11. E isto é o nirvana nesta vida mesma—o trabalho da pessoa está realizado. Mas se uma distinção é feita aqui, justo após o conhecimento do Dharma—
12. Aquele que imagina que até mesmo a coisa mais sutil surge: Tal pessoa ignorante não entende o que é nascer dependentemente!

13. *Oponente*: Se o samsara se detivesse para um monge cujos klesas estivessem exaustos, então por que os Budas Perfeitos negam que tenha um começo?
14. *Resposta*: Dizer que tenha havido um começo, claramente seria se apegar a um dogma. Como pode aquilo que é dependentemente co-originado ter um primeiro e um último?
15. Como pode aquilo que foi anteriormente gerado mais tarde ser novamente negado? Não, na verdade o mundo, que não tem um limite inicial e um final, aparece como uma ilusão.
16. Quando a pessoa pensa que algo de ilusório surja ou que seja destruído, a pessoa reconhece a ilusão e não se espanta com ela, mas aquele que não reconhece isto fica com saudade dela.
17. Aquele que chega a ver por intermédio de sua compreensão que a existência é como uma miragem e que uma ilusão não é corrompida por dogmas baseados em um limite inicial e final.
18. Aqueles que imaginam que algo composto possua originação ou destruição não compreendem o movimento da roda da originação dependente.
19. O que quer que surja dependendo disto ou daquilo não surgiu substancialmente. Aquilo que não surgiu substancialmente: Como pode ter literalmente ser considerado como 'surgido'?
20. Uma coisa composta aquietada devido a uma causa gasta é compreendida como estando gasta. Mas como pode aquilo que não está gasto por natureza ser considerado como gasto?
21. Assim para concluir: Não existe originação; não existe destruição. O caminho da originação e da destruição contudo foi exposto pelos Budas por um propósito prático:
22. Conhecendo a originação a destruição é conhecida; conhecendo a destruição a impermanência é conhecida; conhecendo a impermanência o Dharma Sagrado é conhecido.
23. Aqueles que compreenderam que a co-originação dependente é vazia de originação e destruição atravessaram o oceano da existência, que consiste de dogmas.
24. Pessoas comuns que têm uma atitude positivista são dominados por klesas, devido ao erro que cometem quanto ao ser e não ser. Eles são enganados por suas próprias mentes!
25. Aqueles que compreendem as coisas vêem que as coisas são impermanentes, fraudulentas, vãs, vazias, sem ego, e vácuas.
26. Sem lar, não objetivas, sem raiz, não fixas, surgindo completamente através da ignorância, sem um começo, meio ou fim;
27. Sem um âmago (como o plátano), ou como uma cidade de gandharvas: Assim o medonho mundo—uma cidade de confusão—aparece como uma ilusão!

28. É dito que Brahma e outros, que parecem ser verdadeiros neste mundo, são, para os nobres, falsos. O dirá do resto, fora isto?
29. O mundo, cego pela ignorância, seguindo a corrente do desejo, e os sábios, livres do desejo: Como podem seus pontos de vista sobre o que é bom serem parecidos?
30. Para começar, um professor deve dizer a seu aluno que busca a verdade que tudo existe. Mais tarde, para o aluno que compreende o significado e que está livre do apego, ele deve dizer “Tudo é vazio.”
31. Aqueles que não compreendem o significado da separação mas meramente continuam a aprender sem gerar mérito: Tais pessoas baixas estão perdidas!
32. O karma em toda sua variedade, junto com seus resultados e locais de renascimento também foram plenamente explicados pelos Budas. Eles também ensinaram o conhecimento pleno de sua natureza e não originação.
33. Assim como os Budas falaram de ‘meu’ e ‘eu’ por razões pragmáticas, assim eles também falaram dos skandhas, os campos dos sentidos, e elementos por razões pragmáticas.
34. Coisas mencionadas, tais como os grandes elementos, são tornadas coerentes na consciência; são dissolvidas por suas compreensões. Certamente são falsamente imaginadas!
35. Quando os Jinas afirmaram que o nirvana apenas é verdadeiro, que pessoa sábia não imaginará então que o resto é falso?
36. Enquanto a mente ainda está instável está sob o domínio de Mara. Se for como foi explicado, não existe com certeza erro em manter sua não originação.
37. Já que os Budas afirmaram que o mundo é condicionado pela ignorância, não se segue que este mundo é o resultado da discriminação?
38. Quando cessa a ignorância, como pode não ser evidente que o que cessa foi imaginado pela ignorância?
39. Aquilo que origina devido a uma causa e não permanece sem certas condições, mas desaparece quando as condições faltam: Como pode isto ser compreendido como ‘existindo’?
40. Se os advogados do ser, que continuam apegados ao ser, forem da mesma forma, nada há de surpreendente sobre isto;
41. Mas é surpreendente deveras que os proponentes da impermanência de tudo, que se baseiam no método do Buda, se apegam contenciosamente às coisas.
42. Quando “isto” e “aquilo,” dito sobre algo, não são percebidos através da análise, que homem sábio contenciosamente manterá que “isto” e “aquilo” são verdadeiros?

43. Aqueles que aderem a um self ou ao mundo como não condicionado, que pena! São cativados pelos dogmas sobre ‘permanente’, ‘impermanente’, e assim por diante.
44. Aqueles que postulam que coisas condicionadas são estabelecidas na realidade são apanhados por erros ligados à permanência e todo o resto.
45. Mas aqueles que estão convencidos que coisas condicionadas são como a lua na água, nem verdadeiras nem falsas, não são levados por dogmas.
46. Quando se afirma ‘ser’ existe o pegar de dogmas medonhos e viciosos que surgem do desejo e do ódio. Disto contendas surgem.
47. Esta é a causa de todos os dogmas. Sem isto os klesas não surgem. Quando isto é perfeitamente compreendido, dogmas e klesas desaparecem.
48. Mas como isto pode ser perfeitamente conhecido? Vendo a originação dependente! O Buda, melhor entre os conhecedores da realidade, também disse que tudo que é dependentemente nascido é não nascido.
49. Para aqueles que—oprimidos pelo conhecimento falso—tomam o falso como verdadeiro, a seqüência de pegar, contender e assim por diante aparecerá.
50. Os magnânimos não têm nem tese nem antítese nem contendas. Como pode haver uma antítese para aqueles que não têm teses?
51. Tomando qualquer ponto de vista que seja a pessoa é atacada pelas cobras retorcidas dos klesas. Mas aqueles cujas mentes não possuem pontos de vista não são pegos.
52. Como podem aqueles cujas mentes tomam uma posição evitar o potente veneno dos klesas? Mesmo que eles vivam uma vida comum, eles são consumidos pelas cobras dos klesas.
53. Assim como o idiota está apegado a um reflexo achando que aquilo é verdadeiro, assim o mundo está preso no alçapão dos objetos através da estupidez.
54. Quando os magnânimos vêem com seus olhos de conhecimento que as coisas são como reflexos, eles não ficam presos no pântano dos assim chamados ‘objetos’.
55. Os simplórios estão apegados à forma material, aqueles de capacidade média atingem a ausência dos klesas, mas aqueles de compreensão suprema são liberados através do conhecimento da natureza da forma.
56. A pessoa faz surgir o desejo pensando em coisas agradáveis; a pessoa se livra dos desejos através de se voltar daquilo; mas a pessoa atinge o nirvana vendo que aquilo está vazio como um fantasma.
57. Os erros dos klesas que tormentam devido ao conhecimento falso não surgem para aqueles que compreendem o significado de julgamentos quanto ao ser e não ser.

58. Se houvesse um ponto de vista, haveria paixão e não paixão. Mas as grandes almas sem ponto de vista não têm nem paixão nem não paixão.

59. Aqueles para quem a mente oscilante não oscila, nem mesmo com o pensamento do vazio, atravessaram o medonho oceano da existência que é agitado pelos monstros das klesas.

60. Possam todos com este mérito acumularem mérito e penetração e obterem os dois bens que surgem do mérito e da penetração.